

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS
UNIDADE ACADÊMICA DE DIREITO E SERVIÇO SOCIAL
CAMPUS DE SOUSA - PARAÍBA**

Flávia Maria Vieira da Silva

**NEOCONSERVADORISMO NO SERVIÇO SOCIAL E LGBTFOBIA:
visões e distorções dos estudantes da Universidade Federal de
Campina Grande - Sousa, Paraíba.**

**SOUSA
2015**



Flávia Maria Vieira da Silva

**NEOCONSERVADORISMO NO SERVIÇO SOCIAL E LGBTFOBIA:
visões e distorções dos estudantes da Universidade Federal de Campina
Grande - Sousa, Paraíba.**

Monografia apresentada ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Campina Grande, Sousa - Paraíba. Como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social

Orientadora: Prof. M^a. Maria Clariça Ribeiro Guimaráes

Sousa
2015

Flávia Maria Vieira da Silva

**NEOCONSERVADORISMO NO SERVIÇO SOCIAL E LGBTFOBIA:
visões e distorções dos estudantes da Universidade Federal de Campina
Grande -Sousa, Paraíba.**

Monografia apresentada à coordenação do Curso de Serviço Social, da Universidade Federal de Campina Grande - Sousa, Paraíba, como pré-requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social. Apreciada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:

() Aprovada

() Reprovada

Data / /

Prof. M^a. Maria Clariça Ribeiro Guimarães
Orientadora - UFCG

Prof. M^a. Maria Aparecida Nunes dos Santos
Membro da Banca Examinadora

Prof. M^a. Larissa Sousa Fernandes
Membro da Banca Examinadora

Sousa, 17 de Março de 2015

Dedico este trabalho a minha mãe Socorro Vieira, pela confiança, força e incentivo durante todos esses anos de dedicação e estudos. Obrigada por todo o amor!

AGRADECIMENTOS

É preciso tecer palavras de carinho e agradecimento àquelas pessoas que no decorrer desse período de entusiasmo e também de preocupação, estiveram comigo me transmitindo paciência e motivação.

À minha mãe, por todos os anos de incentivo e dedicação. Meu sonho não poderia ter sido realizado, se não fosse todo o apoio e direcionamento da pessoa que me colocou ao mundo. Minha mãe, você abdicou de sonhos e realizações pessoais para criar seus filhos seres humanos de bem. Você conseguiu! Tudo que construí até agora e que pretendo alcançar será dedicado a você minha mãe. Obrigada! Obrigada, por me entender em todas as horas que precisei. Obrigada, por ficar do meu lado, mesmo quando muita gente não ficaria. Obrigada, por compreender os dias de estudo e que a deixei na mão. Obrigada, por me apoiar em meus objetivos. Obrigada por tudo! Essa vitória não é só minha, é nossa. Você é a pessoa mais importante de minha vida, aquela que me dá luz e amor em todos os momentos. Eu te amo!

À minha querida orientadora Maria Clariça, talvez nem mil páginas seriam suficiente para expressar meu agradecimento. Você ter feito parte desse final de graduação foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Não imaginaria esse fim de processo sem sua presença. Obrigada, por toda sua paciência. Obrigada, por esse comprometimento com o processo de formação de seus estudantes e orientandos. Obrigada! Terá sempre minha eterna admiração!

Aos companheiros de Movimento Estudantil, da Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO), da Coordenação Regional da Região II, do Centro Acadêmico de Serviço Social da UFCG (CASS), que ao longo desse processo estiveram presentes, nos encontros estudantis, como o ERESS, CORESS, ENESS, SRFPMESS, que a cada vez que voltava desses espaços de formação, me sentia mais revigorada, minhas dores se transformavam em força pra lutar. Todos os amigos e companheiros que fiz, que sem dúvida alguma, foram imprescindíveis para meu processo de formação de qualidade, crítico e combativo.

À minha querida cunhada Ianne Vieira, por toda força, incentivo e confiança que me transmitiu durante esse período.

À meu querido amigo João Ricardo, por entender meu afastamento nesse período de escrita, pela paciência e amizade.

À todos meus professores, aos que já não estão presentes na Universidade, como o professor Jamerson, Haíde e o professor Flávio, que com certeza, deixaram seus ensinamentos nesse processo, e também os que estão, e que se fizeram presentes de forma positiva na minha graduação, em especial aos professores Maria Aparecida, por seu comprometimento com o pensamento crítico, a professora Eliane Mamede, por sua amizade, compromisso com o processo de formação e direcionamento, e também a professora Cibelly, que sem dúvida alguma, foi de extrema importância para nossa formação de qualidade.

À querida Coordenadora do curso, Maria Conceição, por toda paciência e direcionamento depositado na nossa turma.

À todos que convivi nesse processo de formação, aos colegas de sala, aos colegas do curso, que ao longo desses anos, de alguma forma, me ajudaram a ter uma formação de qualidade e crítica. Meu muito obrigada!

Dissidência ou a arte de dissidiar

“Há hora de somar
E hora de dividir.
Há tempo de esperar
E tempo de decidir.
Tempos de resistir.
Tempos de explodir.
Tempo de criar asas, romper as cascas
Porque é tempo de partir.
Partir partido,
Parir futuros,
Partilhar amanheceres
Há tanto tempo esquecidos.
Lá no passado tínhamos um futuro
Lá no futuro tem um presente
Pronto pra nascer
Só esperando você se decidir.
Porque são tempos de decidir,
Dissidiar, dissuadir,
Tempos de dizer
Que não são tempos de esperar
Tempos de dizer:
Não mais em nosso nome!
Se não pode se vestir com nossos sonhos
Não fale em nosso nome.
Não mais construir casas
Para que os ricos morem.
Não mais fazer o pão
Que o explorador come.
Não mais em nosso nome!
Não mais nosso suor, o teu descanso.
Não mais nosso sangue, tua vida.
Não mais nossa miséria, tua riqueza.
Tempos de dizer
Que não são tempos de calar
Diante da injustiça e da mentira.
É tempo de lutar
É tempo de festa, tempo de cantar
As velhas canções e as que ainda vamos inventar.
Tempos de criar, tempos de escolher.
Tempos de plantar os tempos que iremos colher.
É tempo de dar nome aos bois,
De levantar a cabeça
Acima da boiada,
Porque é tempo de tudo ou nada.
É tempo de rebeldia.
São tempos de rebelião.
É tempo de dissidência.
Já é tempo dos corações pularem fora do peito
Em passeata, em multidão
Porque é tempo de dissidência
É tempo de revolução”.

MAURO IASI

RESUMO

O Serviço Social contemporâneo tem em seu projeto profissional a perspectiva de formação de assistentes sociais comprometidos com a luta contra todo tipo de preconceito e discriminação. Entretanto, o processo de formação profissional de futuros(as) Assistentes Sociais é embebido das opressões reproduzidas na sociedade como um todo. O neoconservadorismo se apresenta como uma forma ideológica, alienante, que reproduz os preconceitos e acabam fomentando todas as formas de violências em sujeitos socialmente discriminados, como a comunidade LGBT. Nessa perspectiva, que o presente trabalho analisa as concepções dos(as) estudantes de Serviço Social da Universidade Federal de Campina Grande da UFCG em relação a temas que perpassam a discussão sobre diversidade sexual. Com esta dimensão, nos apropriamos das contribuições do materialismo histórico crítico-dialético para referenciar nossas análises. Para a produção dos dados foi realizada pesquisa bibliográfica e de campo, por meio da aplicação de questionários com perguntas diretas e apresentação de situações hipotéticas envolvendo o trabalho do(a) assistente social a fim de possibilitar a apreensão do posicionamento dos(as) estudantes em relação a homossexualidade, a adoção por casais homoafetivos e o trabalho como assistente social junto ao público LGBT. Do estudo realizado identificamos a presença de um quadro de LGBTFOBIA diretamente relacionado com o conservadorismo religioso. Com isso, concluímos que é sobre o solo do neoconservadorismo que o Serviço Social se movimenta nos dias atuais e apontamos como imprescindível ao perfil de profissional que o curso almeja formar o aprofundamento dessa temática no processo de formação.

Palavras-chave: Serviço Social; LGBTFOBIA; Neoconservadorismo.

ABSTRACT

The contemporary Social Service has in its professional project the prospect of training social workers committed to the fight against all kinds of prejudice and discrimination. However, the future social workers professional training process is impregnated with oppressions reproduced in society as a whole. The neoconservatism is presented as an ideological way, alienating, which reproduces prejudices and ends up promoting all forms of violence in socially discriminated subjects, such as the LGBT community. Under this perspective, this paper analyzes Federal University of Campina Grande Social Service students' concepts on issues surrounding the discussion on sexual diversity. With this dimension, we appropriated the historical and dialectical materialism contributions to reference our analysis. For the data production was performed a literature and field research, through questionnaires use with direct questions, and hypothetical situations presentation, involving the social worker job in order to allow the seizure of the students positioning in relation to homosexuality, adoption by homosexual couples and job as a social worker with the LGBT public. In the study we identified a LGBT-Phobia framework presence directly related to the religious conservatism. Thus, we conclude that it is on neoconservatism ground that Social Service moves nowadays, and we point out as essential to the professional profile that the course aims to form this theme deepening in the training process.

Keywords: Social Service; LGBT-Phobia; Neoconservatism.

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

CFESS - Conselho Federal de Serviço Social

CRESS - Conselho Regional de Serviço Social

ENUDES - Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual

FIES - Financiamento Estudantil

GGB - Grupo Gay da Bahia

LOS - Livre Orientação Sexual

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros

MEL - Movimento Lilás

OMS - Organização Mundial de Saúde

PT - Partido dos Trabalhadores

PROUNI - Programa Universitário para todos

PRTB - Partido Renovador do Trabalhador Brasileiro

PSOL - Partido Socialismo e Liberdade

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileiro

PSC - Partido Social Cristão

REUNI - Reestruturação e Expansão das Universidades

SISU - Sistema de seleção Unificada

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação Ciência e Cultura

UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Gráfico 1 - Religião predominante.....	56
Tabela 1 - Concepção dos estudantes à homossexualidade/homoafetividade.....	60
Gráfico 2 - Dentre aqueles que expressaram outra opinião em relação à homossexualidade/homoafetividade.....	63
Gráfico 3 - Adoção por casais homoafetivos.....	64
Tabela 2 - Pergunta hipotética em relação a adoção por casais homoafetivos.....	65
Tabela 3 - Pergunta hipotética sobre trabalho em instituição que atendesse a população LGBT.....	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. SERVIÇO SOCIAL, NEOCONSERVADORISMO E LGBTFOBIA	18
1.1 Direção Social e perspectiva ético-político do Serviço Social brasileiro.....	19
1.2 Raízes e bases fundantes do neoconservadorismo.....	29
1.3 LGBTFOBIA como expressão do neoconservadorismo.....	38
2. VISÕES E DISTORÇÕES DOS ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL DA UFCG	51
2.1 Perfil dos sujeitos	52
2.2 Concepção de homossexualidade/homoafetividade e impasses para a atuação profissional.....	59
2.3 Por um Serviço Social Crítico: questões, dilemas e desafios.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	80
APÊNDICE 1	85
APÊNDICE 2	86
ANEXO 1	90
ANEXO 2	93

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso é fruto de percepções vivenciadas e maturadas em nosso processo de formação. A opressão que podemos visualizar nesse momento nos colocou uma profunda inquietação sobre como estava se dando o processo de formação dos(as) assistentes sociais. A Universidade se caracteriza por ser um espaço de conhecimento e com um papel importante na construção de um ser humano mais empático à condição do outro e, portanto, deveria ser um lugar de inclusão e reconhecimento. Entretanto, esse universo pode se transformar em um espaço de reprodução das opressões e preconceitos já existentes na sociedade.

Nesse sentido, nos deparamos inúmeras vezes, com diálogos preconceituosos, misóginos e de intolerância, vindos dos(as) estudantes do curso de Serviço Social. Pensar sobre esse processo de intolerância à diversidade sexual não foi uma tarefa fácil. Isso porque, apesar desse tema já está sendo debatido em todos os lugares, presenciar a intolerância nesse universo acadêmico, é extremamente preocupante, principalmente, quando estamos lidando com estudantes de Serviço Social, profissão essa, que em tese, dever ser contrária a todas as formas de opressão e ao conservadorismo, tendo em vista seu caráter intervencionista em vários setores da sociedade.

Entende-se como diversidade sexual as várias formas de expressão da sexualidade humana. A homossexualidade, bissexualidade e a heterossexualidade, são formas da diversidade sexual. A homossexualidade é a orientação sexual e afetiva por pessoas do mesmo sexo ou gênero. Sendo assim, a orientação sexual é o sentimento de atração afetiva ou sexual que se tem por uma ou várias pessoas (JESUS,2008). A bissexualidade se constitui pela atração sexual/afetiva por ambos os gêneros. Ainda existe outros moldes de se vivenciar a sexualidade humana, também podemos citar, dentro dessa diversidade, os(as) transexuais, travestis e os transgêneros. Essa denominação Trans é utilizado para compor um campo diverso de "identidades de gênero de pessoas que social, cultural, política e psicologicamente não se percebem conforme o gênero que lhes foi designado" (CARTILHA LGBT, 2014, p. 03) Aqui, cabe sinalizar, que orientação sexual não é o

mesmo que identidade de gênero, portanto, uma pessoa trans pode ser, heterossexual, bissexual, homossexual ou assexual. Dentro ainda desse campo, devemos citar os Intersexuais¹, que são sujeitos que nascem sem genitália definida como feminina ou masculina.

O Serviço Social tem-se construído nas últimas décadas em um ferrenho processo de combate a perspectivas conservadoras dentro da formação profissional. Por isso, temos como objetivo central analisar como esses estudantes lidam com temas que perpassam a diversidade sexual.

Nesse sentido, nos apropriamos da contribuição do materialismo histórico crítico-dialético, por considerá-lo fundamental para analisarmos as totalidades dos fenômenos sociais. Fizemos uma pesquisa bibliográfica e de campo para elucidar nossas análises. Primeiramente, através de dissertações, trabalho de conclusão de curso e revistas especializadas do Serviço Social, de autores como Yamamoto, José Paulo Netto, Mirla Cisne, Ivo Tonet e Silvana Mara. Em seguida, fizemos uma pesquisa de campo, através de aplicação de questionário, com perguntas diretas e hipotéticas, que incidiam diretamente sobre os temas da diversidade sexual e o trabalho do/a Assistente Social com a comunidade LGBT.

A relevância do trabalho centra-se na possibilidade de fomentar um assunto ainda tão pouco analisado dentro da categoria profissional. Isso porque, são poucos os trabalhos no Serviço Social que encara essa intolerância à diversidade sexual no processo de formação profissional. Também porque o assunto é contemporâneo, o processo de escrita foi se atualizando ao decorrer do tempo, já que os assuntos que pertenciam - particularmente - à diversidade sexual, estão em constante efervescência na atualidade.

Porém, a vivência da pesquisa de campo não foi tão simples, a pesquisa foi realizada em outubro de 2014, praticamente totalizando todos os estudantes do curso. Passamos em todas as salas aplicando os questionários e em quase todas as turmas. Especialmente em uma turma, a opressão foi visível, um grupo foi formado ao fundo do sala, onde a cada resposta as risadas aumentavam e

¹ O debate sobre a intersexualidade ainda é novo, e, portanto, não foi possível incorporá-lo dentro desse trabalho, mesmo que de forma indicativa na sigla LGBT. Portanto, para uma maior aproximação com a temática indicamos a leitura do trabalho de conclusão de curso de SANTOS (2010), intitulado: XXY: ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA INTERSEXUALIDADE NO FILME DE LUCÍA PUENZO.

os olhares fulminantes - às vezes visivelmente de repulsa - foram direcionados à pesquisadora.

Era muito notório o desconforto de alguns estudantes ao responderem ao questionário. A vivência da pesquisa foi algo extremamente intimidador e desconfortável. Por muitas vezes, lendo as respostas dos questionários ficamos a imaginar, que tipo de profissionais estávamos construindo? Que valores eram esses tão intolerantes? Como fazê-los refletir? O processo de formação profissional não estava ajudando? Como seria o trabalho desses estudantes como profissionais? Essas perguntas nos rodeavam e nos impulsionavam ainda mais para dar continuidade ao processo de pesquisa. Um questionário em especial, fez a reflexão ganhar força, ao nos depararmos com o "tom" das respostas. A estudante já não respondia normalmente quando se deparava com as perguntas referentes à diversidade sexual, era colocado um "x" que ultrapassava a linha determinada, era notório a raiva da estudante em colocar respostas pejorativas e preconceituosas, até onde não pedia uma outra resposta.

Ao fim, em meio a uma profunda preocupação com o processo de formação desses estudantes, a opressão ali visualizada, foi transformada em luta para continuar com o processo de pesquisa.

Nesse sentido, elaboramos o trabalho em dois capítulos. Em seu primeiro, separado em três tópicos, começamos a analisar a direção social e a perspectiva ético-político do Serviço Social, para entendermos o processo sócio histórico da profissão e como na contemporaneidade se constitui em uma profissão que tem uma direção social bem definida, para uma sociedade além do capital, e uma profissão que tem como base de análise a crítica de Marx e como se deu o processo de materialização do projeto ético-político que constitui o norte para a categoria profissional na contemporaneidade. Um segundo momento, analisamos as raízes e bases fundantes do neoconservadorismo, para isso tomamos como base de argumentação a sociedade capitalista e o processo de alienação que a ela é constitutiva, a ideologia como forma de dominação e o processo de consciência e preconceito que está inserido na esfera do cotidiano. E, por último, elaboramos uma análise da LGBTFOBIA como expressão desse neoconservadorismo, sob o olhar de uma sociedade patriarcal e machista que determina os papéis de gêneros e,

consequentemente, rebate fortemente nas formas de expressão da violência em sujeitos socialmente discriminados como a comunidade LGBT.

No segundo capítulo, temos como objetivo fazer a análise dos dados da pesquisa que foi realizada com os(as) estudantes de Serviço Social da UFCG, analisamos o perfil desses sujeitos e qual a opinião deles em relação à homoafetividade, a adoção por casais homoafetivos, ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, e perguntas hipotéticas para tentarmos analisar o posicionamento desses estudantes em relação ao trabalho junto com a comunidade LGBT. Destacamos ainda, alguns desafios e reflexões para a categoria profissional e para a formação.

I. SERVIÇO SOCIAL, NEOCONSERVADORISMO E LGBTFOBIA

"Libertei-me do sistema
que pressiona
sem sair do lugar.
Libertei-me da angústia
que açoita
não deixando voar.
Libertei-me do medo,
que se esconde
e oprime,
não podendo pensar.
Libertei-me do quadrado,
se entende que não
pode sair de lá.
Libertei-me do mal,
fui embora pra fora
sem dizer tchau.
Compreendi que posso
mesmo que grão de areia
na imensidão.
Lá fora fui buscar
o que de dentro aflorou,
hoje sim vou flutuar... "
Taynna Jansen

Nesse primeiro capítulo de cunho bibliográfico, iremos nos reportar em primeiro momento, à construção sócio - histórico do Serviço Social Brasileiro, seu direcionamento social ético-político e como se desenvolveu essa direção social, hoje, visualizada na contemporaneidade pela profissão. Em segundo momento, caracterizaremos as bases fundantes do que compreendemos como neoconservador, como a ideologia, alienação e o processo de consciência, que se entrelaça no cotidiano e fomenta o preconceito. Em último, iremos nos aproximar da discussão sobre a LGBTFOBIA como expressão desse neoconservadorismo na sociedade.

1.1 Direção Social e perspectiva ético-político do Serviço Social Brasileiro

O Serviço Social brasileiro atravessou mudanças significativas no delinear de sua trajetória sócio histórica e, por decorrência, na sua formação profissional. As transformações ocorridas, ao longo da década de 1970, foram decisivas para dar um pontapé no que conseguimos visualizar na contemporaneidade para a profissão: uma direção social que aponta a necessidade de construção de uma sociedade para além do capital, emancipada, livre da exploração. Nessa perspectiva, o Serviço Social inscreve em seu projeto a busca por uma sociedade justa e igualitária, sendo - de acordo com a constatação de Sergio Lessa (2000) - a única profissão a expressar nitidamente em seus diversos documentos e instrumentos políticos e jurídicos-normativos a necessidade de uma sociedade não regida pelo Capital.

Mas, nem sempre foi assim, se considerarmos o fato do Serviço Social ter em suas bases o conservadorismo profissional. Para compreendermos o movimento da história da profissão, é necessário uma análise do que foi vivenciado no mundo de forma estrutural. O capitalismo sofreu crises no seu processo de acumulação. O sistema Capitalista tem como contradição cíclica e duradoura a crise. Sua história é a história de crises econômicas. A de 1929, por exemplo, conhecida como a grande depressão foi um marco na sequência de crises do capital², contudo, mudanças significativas ocorreram também a partir da década de 1970, quando o capital se viu com a necessidade de reformar seu modelo de produção, de rígida fordista/taylorista, ocasionando uma superprodução, que conseqüentemente, o fez mudar suas bases de sustentação.

Assim, surge a perspectiva de mudanças nesse cenário, o modelo flexível, ou modelo de produção Toyotista. Chama-se esse momento singular no sistema de produção capitalista de reestruturação produtiva ou, em outros termos, a

² Vale ressaltar que as crises do capital - que são constitutivas - tem um caráter cíclico, de expansão e retração da economia. Esse caráter significa, que em um período o Capitalismo consegue expandir-se lucrativamente - de forma exorbitante - até chegar ao ponto de retrair-se. Essas crises, são de um período mais curto de duração, e portanto, são aquelas crises sistemáticas, onde o período de crise dura significativamente bem maior, e exige uma reestruturação do sistema. (NETTO, 2012)

flexibilização da produção, que ocasiona a descentralização das empresas, terceirização dos trabalhos na busca incessante por maiores taxas de lucro.

O Serviço Social, como profissão inscrita na divisão social do trabalho, e o(a) assistente social como um profissional assalariado e intelectual, como afirma lamamoto (2005) não tem como fugir das formulações estruturais que perpassam toda a vida em sociedade. Como processo histórico vivenciado na formulação da profissão, podemos visualizar as mudanças dentro do processo de formação profissional. Inclusive porque, "a partir das transformações históricas, através de mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais que o Serviço Social vem construindo o que chamamos de Projeto Ético-Político do Serviço Social" (OLIVEIRA; MOURA, 2012, p. 02).

Entretanto, é importante sinalizarmos que, desde o rompante da Ditadura Militar, o Brasil tentava se modernizar e em conjunto o Serviço Social, o que Netto (2011) caracteriza de renovação do Serviço Social, compreendendo essa renovação como

o conjunto de características novas que, no marco das constrictões da autocracia burguesa, o Serviço Social articulou, à base do rearranjo de suas tradições e da assunção do contributo de tendências do pensamento social contemporâneo, procurando investir-se como instituição de natureza profissional dotada de legitimidade prática, através de respostas a demandas sociais e da sua sistematização, e de validação teórica, mediante a remissão às teorias e disciplinas sociais (2011, p. 131).

Período esse, no qual a sociedade brasileira passou por diversas transformações (repressão/assistência), com isso o Serviço Social teve que acompanhar essas mudanças. As forças populares ainda estavam amordaçadas e o Serviço Social começou a se questionar sobre suas bases profissionais. Esse movimento já vinha sendo engenhado desde a década anterior no processo de reconceituação Latino Americano. E segundo Pinheiro esse

início da reconceituação foi caracterizado pelo desejo de se distanciar do serviço social tradicional, que se caracterizava como um reflexo dos modelos da Europa e dos Estados Unidos e uma adequação deles à realidade latina (2013, p. 110).

Netto (2011) desenha esse processo de renovação brasileira com três momentos significativos: a perspectiva modernizadora, a reatualização conservadora e a intenção de ruptura. É imprescindível sinalizarmos esses momentos, pois

compõem a história do Serviço Social brasileiro e nos permite compreender como se deu e se fomenta até os dias atuais.

O que caracteriza de "perspectiva modernizadora", foi sinalizado com os encontros de Teresópolis e Araxá (muito mais no primeiro do que no segundo) que se reuniram para debater a renovação do Serviço Social dentro da perspectiva modernizadora, estando central no debate a tecnificação, teorização e método que tornassem a profissão mais funcional para o capitalismo.

Nos encontros de Sumaré e Alto da boa vista, já começam a deixar de lado o debate presente nesses seminários, sendo neles que passa a ser apontada a possibilidade de uma nova vertente de renovação, o que caracteriza para Netto (2011) a "reatualização conservadora", na qual a fenomenologia tornou também um recurso "como o insumo para a reelaboração teórica e prática da profissão" (NETTO, 2011, p. 208). Aqui vai expressar o foco de abordagem das individualidades, da subjetividade dos indivíduos, os problemas sociais aparecem como sendo do indivíduo e não da sociedade, fomentando a psicologização dos fenômenos sociais. A ideia presente nessas concepções é desenvolver os indivíduos e contribuir para o desenvolvimento da sociedade. Trata-se aqui "de uma vertente que recupera os componentes mais estratificados da herança histórica e conservadora da profissão (...) e os repõe sobre uma base teórico-metodológica que se reclama nova" (NETTO, 2011, p. 157).

Nesse momento, o pensamento crítico já estava contornando o interior do Serviço Social, a criação das Universidades e os projetos de pesquisas, em conjunto com a força que os movimentos sociais estavam começando a alcançar na sociedade brasileira. Foi no interior da Universidade, com o reconhecido "Método de BH", na Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Minas Gerais, que a perspectiva - que conhecemos como intenção de ruptura - começou a ganhar formas naquele momento onde os jovens profissionais foram um marco e como elucida Netto:

Eles elaboram uma crítica teórico-prática ao tradicionalismo profissional e propõem [...] em seu lugar uma alternativa global: uma alternativa que procura romper com o tradicionalismo no plano teórico-metodológico, no plano da concepção e da intervenção profissional e no plano da formação (2011, p.262 - 263).

Essa primeira investida na ruptura com o tradicionalismo profissional, teve seus problemas. O pensamento de Karl Marx já aparecia, mas o que se verificava era um marxismo enviesado, ou seja, um Marxismo sem Marx, como também o equívoco de se atribuir a capacidade de transformações da sociedade e do homem apenas à uma profissão. O problema também se constata na redução da atividade profissional em algo sistemático e que serviria em qualquer situação, não levando em conta as particularidades existentes. Essas formulações se estancaram em 1975, quando os profissionais foram expulsos do trabalho na Universidade, impedindo sua continuidade (NETTO, 2011).

Indubitavelmente, o marco central da intenção de ruptura, acontecera em 1979, no famoso III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, conhecido como Congresso da Virada, como referência coletiva do projeto de ruptura com o conservadorismo, afirmando na profissão sua dimensão política a favor dos interesses da classe trabalhadora. Ou seja, o projeto foi tomando forma no decorrer da luta pela democratização no país, contra a Ditadura Militar. Aqui, pela primeira vez, o Serviço Social somava força com diversos segmentos dos movimentos sociais, que estavam vinculados às lutas da classe trabalhadora.

A grande virada aconteceu quando na mesa de abertura do Congresso, estavam representantes do governo militar e ela foi substituída por segmentos dos movimentos sociais. O Serviço Social somava forças à classe trabalhadora, em virtude de uma busca pelo seu projeto profissional, "pela liberdade e pela reconstrução de uma sociedade cindida pelo autoritarismo, pela barbárie e pela tirania que se instalou em nosso país por muitos anos" (CFESS, 2012, p. 13).

Nesse momento vincava no Serviço Social as bases do que décadas depois viriam materializar o seu projeto ético-político profissional, marca-se aqui, a decisão do compromisso com a classe trabalhadora, como também o embate com o conservadorismo profissional. Os profissionais se reconhecendo "enquanto classe trabalhadora [...] a sua consciência de classe social, buscando a superação do capitalismo e lutando por seus interesses" (GODOY; COUTO. 2009, p. 08).

Na mesa de abertura em comemoração aos 30 anos do "Congresso da Virada", Ivanete Boschetti, discute o quanto a aproximação efetiva com o pensamento crítico de Marx, "favoreceu o enfrentamento do conservadorismo a partir da compreensão da realidade, em toda a sua complexidade e contradição, tal

como ela é, e não como se apresenta em suas manifestações mais simples e imediatas" (CFESS, 2012, p. 14) como também "permitiu o fortalecimento e o processo de reorganização das entidades da categoria em uma perspectiva combativa" (ibidem).

É ao longo dos anos 1980 que o Serviço Social começa a materializar os ganhos da década anterior. A reforma curricular de 1982, levou a importância de se chegar ao nível de graduação as referidas percepções que o Serviço Social tinha alcançado anteriormente. O nível de publicações em referência aumentou significativamente, mas, o marco para essa construção foi a contribuição de Iamamoto e Carvalho (2011), colocando o Serviço Social no processo de produção e reprodução das relações sociais.

Eleva-se a profissão a um status de aproximação mais efetiva à intelectualidade das Ciências Sociais. Iamamoto e Carvalho penetram nas fontes clássicas de Marx, colocando a profissão na participação nas relações sociais e na divisão social e técnica do trabalho e pertencente a uma especialização do trabalho coletivo. A base para entendermos as argumentações que eles expressam, é reconhecer a centralidade da categoria trabalho para compreensão da sociedade e como o Serviço Social se desenvolve na história societária. Compreendendo que somos trabalhadores assalariados, especializados, que para conseguir realizar nosso trabalho é preciso a venda da força de trabalho, como qualquer outro trabalhador, que depende das condições impostas pelos seus empregadores (apesar da sua relativa autonomia), incorporado na divisão social e técnica do trabalho e pertencente a uma especialização do trabalho coletivo.

Essas argumentações explicitadas, ao longo dos anos 1980, vão estimular parcela da categoria profissional, principalmente, aqueles que se encontravam dentro das pós-graduações, à efetiva aproximação com o pensamento crítico. Aproximação esta que desembocou no Código de Ética de 1986, representando uma ruptura às influências antes presentes na ética profissional, na medida em que rompe-se com a visão tradicional e a base Marxista torna-se o referencial para a profissão. Segundo Farias:

Uma nova concepção de homem, alargando os horizontes éticos do Serviço Social buscando responder aos desafios da sociedade, rompe com o mito da neutralidade profissional ao passo que clarifica o compromisso ético-

político de construção de uma prática articulada com a classe trabalhadora (2012, p. 07).

Isso significa que o Serviço Social tomou para seu plano profissional as percepções ideológicas e estruturais presente no pensamento de Marx. A revisão que o Código teve anos depois, só reafirmou ainda mais essa dimensão político-profissional. Vale ressaltar que o Marxismo, como teoria social crítica, é pautada no materialismo histórico-dialético, constituída como uma arma contra o idealismo e como instrumento de transformação do mundo pela classe trabalhadora, a serviço da mesma. O Marxismo entende o homem como um ser social com poder de transformação, com capacidade de trabalhar e se desenvolver. Tem como objetivo a transformação dessa sociedade para além do capital. A consciência do homem é determinada pela realidade social. No sistema capitalista, o trabalhador vende sua mercadoria, ou seja, sua força de trabalho que é submetida às leis do mercado, para o burguês, que é dono dos meios de produção, que através da mais-valia consegue explorar e acumular cada vez mais capital. As necessidades humanas encontram-se na dependência direta do poder de compra das pessoas no mercado, é o dinheiro, o capital, os bens de consumo que estão no centro do mundo e não o homem, ou a humanidade.

Diante de tudo isso, o Marxismo influencia o Serviço Social desde a década de 1980, que emerge nas bases de conflito sobre o tradicionalismo ou conservadorismo da profissão. Ambientada nos movimentos pela democratização, as mudanças ocorridas ao longo dessa década, foram imprescindíveis para que o Serviço Social se aproximasse da classe trabalhadora, a reorganização dos trabalhadores, da categoria profissional, dos movimentos sociais, foi determinante para a vinculação da profissão a projetos societários pertinentes a mesma.

Nesse ponto, precisamos deixar claro, que projetos societários fazem parte de algo bem maior do que projetos profissionais, os projetos societários, podem ser "transformadores ou conservadores. Entre os transformadores, há várias posições que têm a ver com as formas (as estratégias) de transformação social" (TEXEIRA; BRAZ, 2009, p. 06). O projeto profissional do Serviço Social está vinculado ao projeto societário de transformação da sociedade, tal vinculação, "surge em meio aos contraditórios interesses de classe que determinam o Serviço Social.

Por isso, ele só pode ser pensado em relação a um projeto de maior envergadura: o projeto societário." (*Op. Cit.*, p. 05).

Os projetos profissionais apresentam, segundo Netto:

a auto-imagem de uma profissão, elegem os valores que a legitimam socialmente, delimitam e priorizam seus objetivos e funções, formulam os requisitos (teóricos, práticos e institucionais) para o seu exercício, prescrevem normas para o comportamento dos profissionais e estabelecem as bases das suas relações com os usuários de seus serviços, com as outras profissões e com as organizações e instituições sociais privadas e públicas (inclusive o Estado, a que cabe o reconhecimento jurídico dos estatutos profissionais) (1999, p. 04).

Assim, essa aproximação com a teoria Marxista, traduz um avanço para a profissão, tanto de forma organizativa, política, quanto teórica e jurídica. Nesse ponto, a construção do Código de Ética de 1993, como também, a lei de regulamentação e a revisão curricular, centralizando a questão social nas novas diretrizes para a formação profissional pautada na teoria crítica, como também à relação entre as dimensões ético-política, técnico-operativa e teórico-metodológica do exercício profissional são expressões do avanço alcançado pela profissão. É necessário entender também que a ação profissional só encontra condições objetivas quando o profissional, dentro da teoria crítica, tenha clareza de suas condições subjetivas, ou seja, tenha entendimento bastante amplo sobre vários assuntos pertinentes a ele. Diante disso, o(a) assistente social entende a totalidade de suas condições práticas, ou seja, ele não perde a lucidez de quais ações ele pode implementar, já que ele entende as contradições estruturais que perpassa a sociedade e, conseqüentemente, a profissão. Tem que ter uma prática instrumentalizada, longe do imediatismo. Se faz necessário, um profissional capaz de dialogar, com forte base teórica e, principalmente, com forte base crítica para entender a totalidade e complexidades estruturais do sistema vigente.

Por isso, o projeto ético-político do Serviço Social traduz um caminho, um desafio profissional que vai de encontro com a ordem burguesa, uma direção social que deseja concretizar na sua ação profissional, trazendo uma concretude contraditória, já que sua operatividade depende, sobretudo, das condições objetivas com as quais a profissão se depara.

O valor ético central do Projeto Ético-Político do Serviço Social é a liberdade, em todas as suas esferas, a liberdade onde o sujeito seja autor de sua própria história. – "a liberdade concebida historicamente, como possibilidade

de escolher entre alternativas concretas; daí um compromisso com a autonomia, a emancipação e a plena expansão dos indivíduos sociais" (TEXEIRA; BRAZ, 2009, p. 07). Deixando claro que **o profissional de Serviço Social não pode garantir a emancipação de um sujeito, pois depende das questões objetivas - que são delimitadas pelas políticas neoliberais - e das subjetivas - a qualificação para mediar os problemas que chegam todos os dias como demanda aos profissionais. Assim, o profissional vai atuar como mediador dos interesses de classes.**

A democracia é outro marco que embasa esse projeto e "que é o único padrão de organização político-social capaz de assegurar a explicitação dos valores essenciais da liberdade e da equidade" (CFESS, 2012, p. 21). É essa democracia também "que favorece a ultrapassagem das limitações reais que a ordem burguesa impõe ao desenvolvimento pleno da cidadania, dos direitos e garantias individuais e sociais e das tendências à autonomia e à autogestão social" (ibidem).

Nesse processo, também se reclamava pelo desenvolvimento da pluralidade profissional. O que deve ser esclarecido é que o Pluralismo não pode ser confundido com o ecletismo, como explica Silva citando Munhoz, ao afirmar que:

Ecletismo, equivalente a Sincretismo [...] é uma mescla de pontos de vista, de concepções filosóficas, de conceitos científicos, de valorações políticas, procedidas de forma arbitrária, sem conciliação interna e sem compatibilidade (2008, p.147)

A grande preocupação é que, dentro dessa busca pelo Pluralismo, e recaindo no ecletismo, uma hora se procura intervir em uma corrente teórica e em momentos diversos em outras correntes teóricas, o que pode causar descompasso na atuação profissional, e uma perda significativa para a classe trabalhadora. Deve-se entender o Pluralismo como um debate de ideias e "que o verdadeiro debate democrático só alcança sua plena realização quando realizado com respeito às hegemonias legitimamente conquistadas, respeito esse que, enquanto princípio democrático, garantiria a própria existência do pluralismo" (VELOSO, 2014, s/p).

Ivo Tonet (2004) traz claramente a explicação de que em pese muitos acreditarem termos um pluralismo metodológico, este na realidade é um falso caminho para pensarmos esse conceito no Serviço Social. Ou seja, segundo o autor um sentido é conviver com o debate de ideias, outro sentido completamente diferente

é a aceitação da relatividade dos métodos e da verdade. O espírito de abertura ao debate não é necessariamente conflitante com o privilegiamento de determinado método como o mais adequado para a compreensão da realidade (p. 01).

É nesse processo de abertura ao debate, e aos valores centrais do projeto profissional, que o empenho a eliminação a todo tipo de preconceito representa o aprofundamento profissional na realidade concreta, ou seja, o Serviço Social vem se moldando às modificações da sociedade.

O Serviço Social tem despertado no cotidiano de sua formação profissional, questionamentos morais e teóricos em defesa e oposição ao seu projeto ético político. Para as autoras Mota e Amaral (2009) é importante observar, no plano político, que os novos profissionais continuam resistindo, tentando não apagar o avanço político da profissão, na luta pela emancipação política e no caminho para emancipação humana, na tentativa de construção entre projeto profissional e societário, empreendendo esforços para tanto em, pelo menos, duas estratégias: na articulação junto aos movimentos sociais e no exercício profissional. É inegável o crescimento intelectual da profissão, como também a capacidade de acumulação de forças organizativas que exercitam sua resistência em conjunto com a classe trabalhadora. Para as autoras, mesmo que as condições societárias e objetivas caminhem contraditoriamente ao projeto ético-político da profissão, colocando dificuldades e enormes obstáculos, não se pode subtrair o esforço acadêmico e político que o Serviço Social brasileiro vem traçando nos últimos anos, mesmo que em pequenos passos.

Numa tentativa de problematizar a denominada crise do Projeto Ético-Político, Netto (2007) ressalta que há uma regressão no Serviço Social brasileiro, e que o Serviço Social volta a ser assistencialista. Também pudera, os setores de esquerda reinventam suas ideias quando questionada a ordem vigente do sistema capitalista. Uma social-democracia que propõe não mexer nas estruturas do capitalismo e garantir que o Estado interfira no cotidiano para minimizar os efeitos do capital na sociedade. Outra questão que José Paulo Netto (2007) aborda é a formação profissional que está em decadência, principalmente com a mercantilização da educação que coloca-se em cheque a qualidade dos profissionais.

É evidente que o projeto profissional tem enfrentado diversas formas de precarização, mas concordando com as autoras Mota e Amaral (2009) é interessante perceber que mesmo dentro de uma conjuntura extremamente contrária, a categoria profissional conseguiu e consegue, se desenvolver em seus aspectos, mesmo que em pequenos passos. São inegáveis os desafios que, principalmente, na prática profissional, acabam reduzindo a concretude do projeto profissional.

Acompanhado a tudo isso, surge no cenário as ofensivas neoliberais, principalmente em suas expressões ideológicas e econômicas, defendendo a retirada do Estado da economia. Transfere-se a responsabilidade da saúde, segurança pública, educação e outros, para o setor privado e a sociedade civil

Mas, é só a partir da década de 1990 no Brasil, que a tônica da ofensiva ideológica que emprega o individualismo, consumismo e a competitividade, aparece. Com mais força, as ideias neoliberais instalam-se em todos os setores da vida humana. Com o neoliberalismo ocorreu o empobrecimento dos valores do coletivismo, o que deixou vulnerável os movimentos sociais organizados e debilitou suas ações. Assim, é possível enxergar a proliferação do individualismo e o afastamento dos sujeitos em relação aos movimentos organizados (SANTOS, 2007). Ou seja, os valores do neoliberalismo procuram ampliar o individualismo e isso acaba atingindo diretamente a classe trabalhadora, fragmentando inclusive as suas expressões organizativas, e todas as áreas da vida humana.

Temos na história do Serviço Social o combate ao conservadorismo profissional - é inegável que essa estrutura esteve presente na profissão - e que ainda podemos visualizá-la na contemporaneidade no processo de formação e trabalho profissional. As mudanças ocorridas traduzem um caminho para essa reatualização e a intensificação da ofensiva neoconservadora que rebate ferozmente ao processo de formação profissional.

1.2 Raízes e bases fundantes do neoconservadorismo

As transformações realizadas no decorrer das últimas décadas no Brasil e no mundo, construíram um caminho fértil para florescer o que denomina-se de neoconservadorismo. No Serviço Social essa onda pode ser compreendida com a chegada da suposta pós-modernidade (SANTOS, 2007), é ela - mas, não somente ela - e as mudanças ocorridas na sociedade que traduz essa reatualização conservadora que se expressa no processo de formação e prática profissional. Compreendemos também, que essa onda neoconservadora se expressa de outras formas dentro desse processo, como nos aspectos fundamentalistas que a religião na contemporaneidade pode fornecer, diante de sua interlocução com a comunicação de massa e que pode desembocar em uma determinante contrária ao Projeto Ético Político que foi construído coletivamente na profissão.

Em conjunto com as transformações societárias, lembrando, a reestruturação produtiva que transformou o modo de produção capitalista, como também, as formas ideopolíticas, como o neoliberalismo, que traduz em uma individualidade estrutural e as formas ideoculturais que a representam. Para tanto, devemos compreender que formas de pensamento e de expressão tem como base o entendimento de ideologia e alienação - e portanto - essas são as bases fundantes para o que denominamos de neoconservadorismo. Para analisar esse entendimento sobre ideologia e alienação, é preciso deixar claro que a faremos sobre um ponto de norteamo, estamos falando da sociedade capitalista e de classes antagônicas vigente.

Uma sociedade que tem como princípio básico a exploração de uma classe dominada, sob o domínio de outra. Uma classe que detêm os meios de produção, e a outra, que possui sua força de trabalho e a vende aos ditames do capital para sobreviver. Além disso, a classe dominante detêm também "os meios para universalizar sua visão de mundo e suas justificativas ideológicas a respeito das relações sociais de produção que garantem sua dominação econômica" (IASI, 1999, p. 15)

O núcleo chave dessa ideologia está inserido na divisão social do trabalho dentro da sociedade de classes. Diante dessa divisão, "surge com a divisão entre o trabalho material e espiritual" (ÁLVARO, 2013, p. 62), e como segue a autora, surge as bases de fomento para o desenvolver da alienação. Aqui, o indivíduo não se percebe no produto que ele mesmo produziu, ele perde a competência de

desenvolver sua "capacidade teleológica, que cria, execute e domine o seu processo de trabalho" (ibidem). Ou seja, o indivíduo produz algo material e ele mesmo não consegue se enxergar naquele produto construído de forma coletiva e portanto, é estranho a ele. Isso produz a propriedade privada - que necessariamente - será pertencente a classe dominante. O ser humano se afasta da sua própria relação com a natureza.

E como afirma Álvaro "o trabalho que funda, centralmente, o ser humano como ser social, passa a ser um meio de alienação e não de realização" (2013, p. 63). Estamos falando de um trabalho que não irá trazer ao sujeito um prazer, será meramente uma atividade imposta e que irá lhe oferecer uma necessidade material. Assim, "o trabalho transforma-se, deixa de ser a ação própria da vida para converte-se num "meio de vida" (IASI, 1999, p. 16). Portanto, esse ser humano se torna coisa, e sua exteriorização faz com que "o trabalho não pertença a seu produtor, não o possibilitando se afirmar, portanto, em seu trabalho, mas, ao contrário, nega - se nele" (ÁLVARO, 2013, p. 64).

Esse processo é compreendido por Mauro Iasi como os três aspectos da alienação, primeiro o ser humano se aliena à natureza; segundo se aliena de si próprio e depois se aliena de sua espécie. (IASI, 1999). A alienação e ideologia são formas diferentes, entretanto, "a materialização dessas relações produtora da alienação, são expressas no universo das ideias como ideologia"(ibidem).

Essas ideologias são determinadas pelas fases de consciência do ser social, a base de formação dessa consciência é entrelaçada pelas relações de alienação e que fomentam o desenvolver da capacidade de percepção ideológica da realidade vivenciada. Em outras palavras "é sobre a base social que há o processo de formação de consciência, embebido por relações de alienação que proporcionam o desenvolvimento das distorções ideológicas acerca do conhecimento da realidade" (ÁLVARO, 2013, p. 66)

Nossa consciência e percepção da realidade tem direta relação com o que vivenciamos na nossa vida, nas nossas relações, Mauro Iasi (1999) vem delimitar que temos fases de compreensão da consciência, onde essas fases tem determinantes, mas não são imutáveis, e não são meramente uma forma linear de apreensão da realidade. Essas fases, podem ser desenvolvidas ao decorrer da vida

do indivíduo, dependendo de como ele se relaciona, e, por não ser imutáveis, e lineares, algumas de suas características podem retroceder em algum momento.

Para o autor supracitado, existem três formas de consciência, a primeira forma de consciência, é adquirida nas primeiras relações de vivência do indivíduo. A segunda forma de consciência é o que ele considera de "classe em si", onde os indivíduos no decorrer da vida começam a se relacionar com outros grupos que compartilham dos seus mesmos ideais. Isso ocorre, de acordo com Álvaro "porque o grupo possibilita a identificação ou o reconhecimento no outro das mesmas injustiças sofridas e percebidas" (2013, p. 67). A passagem da primeira forma de consciência para essa segunda forma, vai depender da "crise ideológica", quando diante da vivência com outras formas de pensamento, o sujeito começa a se questionar e se revoltar diante das injustiças. Portanto, a passagem para segunda forma de consciência é conflituosa e depende dessa crise de percepções. Essa nova forma, é caracterizada exatamente por essa vinculação com outros grupos e com seus interesses.

A terceira forma de consciência, é o que considera de "classe para si", aqui o sujeito, que antes se delimitava em ações meramente imediatas e o que chamamos de reformistas, agora, diante da impossibilidade de suas ações transformarem profundamente sua realidade, e obviamente, como na passagem da primeira forma de consciência, essa também, passa por uma crise ideológica. O sujeito reconhece que "as reivindicações, nos limites do capital, passa a ser insuficientes e o proletariado assume a sua tarefa revolucionária de superação do capitalismo e construção da emancipação humana" (ÁLVARO, 2013, p. 69)

Iremos abordar efetivamente a primeira forma de consciência - isso por considerá-la primordial para compreender nosso raciocínio - então, o sujeito que em suas primeiras relações de vivenciar a realidade, vai adquirindo mesmo sem perceber, as ideias simbólicas externalizadas por aquele pequeno grupo de iguais que a ele pertence. Mauro Iasi explica perfeitamente que

a consciência seria o processo de representação mental (subjetiva) de uma realidade concreta e externa (objetiva), formada neste momento, através de seu vínculo de inserção imediata (percepção). Dito de outra maneira, uma realidade externa que se interioriza. (1999. p. 9)

Essa primeira forma de consciência tem suas características, a ultrageneralização é o ponto básico dessa forma inicial. Pois, como comum a todas

as formas de consciência, já que nenhuma delas podem ser construídas desconectada das relações sociais essa forma só é possível na vivência com outros seres humanos, do qual, não é apenas um espelho que se forma harmônico e igual, é a percepção de uma determinada parte aparente, mas não a totalidade da realidade, "a partir daí busca compreender o todo pela parte" (IASI, 1999. p. 10), assim, essa realidade internalizada por ser generalizada.

A internalização da realidade vivenciada pelo sujeito será permeada pela as instituições da qual ele pertence, a primeira delas é a família, é o seio dessa instituição que irá ser central para o desenvolvimento dessa primeira forma de consciência. O que é captado e percebido pelo sujeito nessa instituição, o que lhe é externo e que se torna internalizado, como por exemplo: o que seus pais determinam, suas condutas (não apenas a ação dos pais), mas também suas tradições. Toda essa percepção é encarada pelo o sujeito como realidade inquestionável e, portanto, representa, "apenas uma forma particular historicamente determinada, de se organizar as relações familiares" (IASI, 1999, p. 11)

Essa realidade é naturalizada pelo indivíduo, ou seja, essa internalização é encarada como algo natural, que sempre existiu e sempre irá existir, portanto o sujeito poderá reproduzi-la normalmente. Essa naturalização traduz em algo imutável, que não pode ser modificado, exatamente por ser natural e intrínseco a sociedade.

Evidentemente, e ainda segundo Mauro Iasi

que aquilo que fica interiorizado não são as relações em si, mas seus valores, normas, padrões de conduta e concepções. Nesta fase, ainda embrionária, cola-se a própria constituição do aparato psíquico uma concepção de mundo. Diríamos que já estão presentes aqui todos os principais elementos que constituirão as características da primeira forma de consciência. (1999, p. 12)

Obviamente, a instituição familiar não é a única que irá pertencer ao sujeito, existem outras instituições que também são importantes para o desenvolver da consciência, que irá ser complementar - e muitas vezes reforçar - o que será internalizado pelo sujeito nessa primeira instituição, como a escola, o trabalho, a Igreja, os grupos sociais e outros. Expressa-se essa forma de consciência que encara a parte como sendo o todo como alienação, "esta análise preliminar percebemos que ela é a forma de manifestação inicial da consciência. Esta forma

será a base, o terreno fértil, onde será plantada a ideologia como forma de dominação. (IASI, 1999, p. 14)

Nesse ponto, o autor deixa bem claro, que a instituição familiar reproduz e reforça as relações de produção, a família é anterior a essa atividade econômica, da mesma forma, "dando base necessária para que a ideologia frutifique e garanta a reprodução destas" (ibidem)

Compreende Mauro Iasi que entretanto

o fato é que a ideologia e as relações sociais de produção formam um todo dialético, ou seja, não estabelecem simples relações de complementariedade, mas uma união de contrários. Por mais elaborada, sofisticada ou eficiente que seja uma ideologia, ela é ainda a representação mental de certo estágio das forças produtivas historicamente determinadas (1999, p.19)

Mesmo que as forças produtivas se desenvolvam constantemente, "as relações sociais de produção e sua manifestação e justificativa ideológica devem permanecer estáticas em sua essência." (ibidem)

Estamos diante do que calcamos de consciência, ideologia e alienação, dentro do processo de uma sociedade de classes, compreendendo essas formas de pensamento como basilares para compreender as expressões do que denominamos de neoconservadorismo.

Na sociedade contemporânea, onde a dinâmica é comandada pelo capitalismo e a economia é vista como princípio de organização social, tem-se assim uma consciência de crise que é a naturalização das periódicas crises capitalistas, pela qual é levada a tona a ofensiva ideológica capitalista que prega a competitividade e o individualismo. Tudo se torna mercadoria e o capitalismo se apresenta como solução de todas as problemáticas sociais vivenciadas, inclusive dos próprios danos por ele trazido para sociedade.

Observamos uma verdadeira naturalização da crise capitalista e um conformismo por parte da sociedade, onde a ofensiva ideológica reforça os valores do Capitalismo, afirmando o individualismo, a competição, atingindo diretamente a classe trabalhadora, provocando uma fragmentação. Com essas mudanças o capitalismo acaba por colocar os trabalhadores uns contra os outros, gerando uma competitividade, e assim contribuindo para o enfraquecimento dos sindicatos e partidos dos trabalhadores.

Segundo SANTOS citando Oliveira, in Sader e Gentili (1996:27)

outros fenômenos tem sítio típicos dessa conjuntura conservadora, como a conversão de intelectuais progressistas ao ideário da ordem à moda pós-moderna e a ideologia da estabilidade que se espraia num quadro de crise infirmo toda e qualquer tentativa de mudança e/ou experimentação sociopolítica (2001, p. 25 -26)

Essa ordem conservadora da conjuntura vigente, tem desembocado em um favorecimento para o clima de "vazio ideológico", pois na visão dominante a sociedade chegou no nível máximo de desenvolvimento, o capitalismo. Segundo essa vertente ideológica o capitalismo saiu vitorioso diante da morte de outras formas de sociabilidade. Esse "vazio ideológico" nada mais é que o domínio ideocultural do capital sobre as pessoas. A sociedade é constituída não só materialmente, é ladeada por hábitos, valores morais e éticos, onde existe uma consciência que permite a interação entre as pessoas e a realidade posta. (SANTOS, 2007)

A pós-modernidade se expressa como uma corrente ideológica e autoafirmativa da ordem vigente, também "é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950" (SANTOS, 1991, p. 9).

Ela se apresenta nos estilos de vida, na rua, na economia, pela sociedade de consumo, segundo SANTOS essa forma se apresenta como quem

tenta a sedução do indivíduo isolado até arrebanhá-lo para sua moral hedonista - os valores calcados no prazer do usar bens e serviços. A fábrica, suja, feia foi o templo moderno; o shopping, feérico em luzes e cores, é o altar pós-moderno (1991, p. 10)

Na contemporaneidade como a maior estratégia da classe burguesa, para desmistificar todos os componentes relacionados à modernidade e seu projeto moderno civilizatório que se constrói hoje em nome da classe trabalhadora. Isso é o reflexo, seu vazio ideológico aparece como pensamento posto para manutenção da ordem vigente. As críticas pós-modernas, se maximiza na teoria crítica Marxista, ao dizer que ela já não apresenta respostas para a sociedade contemporânea. Por isso, ao negar a totalidade dos fenômenos, a pós-modernidade se afasta da busca da essência, ficando focalizada na sua aparência.

A pós-modernidade se expressa em todas as áreas da sociedade, o mundo é entendido depois da revolução tecnológica, é um mundo novo, com ideias novas, com pessoas novas, e não cabe mais pensar o que já foi feito, as ideias

construídas em séculos anteriores não mais representam a sociedade consumista, individualista, autosuficiente que estamos vivenciando agora. Portanto, o que interessa para essa corrente é o presente.

Entretanto, devemos compreender que a crise do capital com todas as suas expressões de fragmentação e fetichismo, pode aprofundar essa

"crescente desconfiança na capacidade da razão de compreender a realidade social como uma totalidade, o que dá margem à intensificação do irracionalismo e da fragmentação do conhecimento" (TONET, 2009, p. 14)

Há várias outras expressões dessa crise do capital, como o abandono das categorias fundantes do ser social, a eterna aceitação do sistema vigente como algo pleno e imutável, a violência, a banalização, e imprescindivelmente o individualismo exagerado, onde o ser humano é levado a encarar a realidade de forma individual, todos os seus problemas serão resolvidos isoladamente, ele não depende de outros para conviver e crescer na sociedade.

Expressa também o "aumento do misticismo, do esoterismo, da religiosidade mais primária, do fundamentalismo religioso e do salvacionismo" (TONET, 2009, pág. 16). Diante do mundo que vivemos, com as expressões que a atual crise do capital nos coloca, como explica Ivo Tonet o indivíduo

desconhecendo a lógica que levou a esse resultado, ignorando que ele é produto de uma específica atividade dos próprios homens, sente-se impotente (para compreender e para intervir e mudar) e desvalido. Sua reação é buscar soluções para além desse mundo, em poderes fora da realidade humana ou natural. Enfim, fora desse mundo (ibidem)

Essa busca incessante por explicações místicas para uma realidade difícil e exploradora. O fundamentalismo religioso, o misticismo, a crença, está implicado em todas as formas desenvolvidas da sociedade, mesmo em países pobres ou extremamente ricos. Ivo Tonet (2009) acrescenta que essa forma de vivenciar a realidade, por um lado, é expressão realista do que se vive o homem, como também um protesto, mesmo inconscientemente, de que ainda temos alternativas.

Todas essas manifestações estão imbricadas dentro da perspectiva do Capital, da forma material, até nas expressões de maior manifestação de misticismo,

"como a religião, valores morais e éticos, a afetividade e as relações pessoais" (SANTOS apud TONET, 2003, p. 9)

Essas manifestações são reproduzidas e reforçadas no cotidiano da vida dos seres humanos, é esse cotidiano que reforça as ideologias, a alienação e as formas de consciência. É esse cotidiano, entendendo - o como "aquela vida dos mesmos gestos, ritos e ritmos de todos os dias" (NETTO, 2012, p. 23) que se tornam atividades automatizadas. Nela "colocam-se 'em funcionamento' todos os sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias" (Heller apud NETTO, 2012, p. 24)

Dentro dessas expressões altamente reproduzidas no cerne do cotidiano, se encontram os preconceitos, as indiferenças trata-se de um espaço que reforça-os "posto que é nesse espaço que homens/mulheres se põem em movimento com todos os seus sentidos, capacidades e potencialidades" (SANTOS, 2003, pág. 9) Nessa direção,

Os preconceitos são sustentados

em bases afetivas e irracionais amparadas na desinformação, na ignorância, no moralismo, no conservadorismo e no conformismo. Numa palavra, na naturalização dos processos sociais. Tais determinações por estarem inscritas numa dada formação sócio-cultural poderão, no nosso entendimento, até explicar atitudes de discriminação, mas nunca justificá-las. (SANTOS, 2003. p. 10)

Essas sustentações estão inscritas na esfera do cotidiano, e isso significa segundo Netto "que na vida cotidiana, o indivíduo se reproduz diretamente enquanto indivíduo e reproduz indiretamente a totalidade social" (2012, p. 26), portanto, o homem é singularidade e genérico. Netto (2012) explica que na vida cotidiana só percebemos o singular. Apesar do homem estar escrito na vida genérica.

Portanto, para conseguirmos passar dessa percepção singular para a genérica, é preciso suspender-se do cotidiano, ou seja, passar do homem inteiro para o inteiramente homem. Para essa suspensão do cotidiano é preciso 'paixões', um ideal maior, um projeto. Isso caracteriza como processo de homogeneização, e só "ocorre quando o indivíduo concentra toda sua energia e a utiliza numa atividade humana genérica que escolhe consciente ou autonomamente" (Heller apud NETTO 2012, p. 27)

SANTOS destaca que

peças dinâmicas e críticas tendem mais rapidamente a este questionamento, do que pessoas inclinadas para o conformismo. E vale realçar, ainda, o papel das instituições sociais como a família, a escola, a universidade, o trabalho, a igreja, os movimentos sociais, dentre outras, enquanto aparelhos de hegemonia, espaços de correlação de forças nos quais se provoca processos de socialização permanente, ora para contribuir para a manutenção do *status quo*, ora para transgredi-lo. (2003, p. 11)

É nessa perspectiva que o preconceito pode impedir essa autosuspensão do homem genérico, isso porque "diminui sua liberdade relativa diante do ato de escolha, ao deformar e, conseqüentemente, estreitar a margem real de alternativa do indivíduo" (Heller apud SANTOS, 2003, p. 11)

Para tanto, o preconceito pode se expressar de várias formas, a autora SANTOS (2003) vem explicar que pode ser expresso de três formas, a primeira é pelo o respeito por seus pares, apenas por pessoas que elas tecem carinho, portanto, "entendido como necessário para com os sujeitos de outros grupos que ajam, pensem, sintam diferentemente de mim e dos meus" (2003, p. 12), segundo pela a intolerância, pela não aceitação do que é diferente do que eu conheço e que irei reprovar. E terceiro, pela indiferença "que se expressa na ignorância e na falta de solidariedade aos que não pertencem ao meu grupo" (ibidem)

Essas expressões são diretamente ou indiretamente aplicadas em grupos socialmente discriminados, como mulheres, negros, LGBT's, grupos que socialmente, culturalmente, psicologicamente, não seguem o padrão dominante de se comportar, de se relacionar, de amar.

SANTOS vem nos questionar algo inteiramente perceptivo, por que temos que nos enquadrar em modelos prontos e dominantes, porque precisamos nos padronizar? É interessante pensarmos nesse ponto, porque não precisamos ser aparentemente "iguais" na nossa forma de expressão da sexualidade, ou de se comportar, de se vestir, de nos harmonizar na sociedade, para que sejamos realmente aceitos e para não sofrermos violência de todas as ordens. A autora segue com outra pergunta, "Será legítimo, do ponto de vista ético, negá-las, ocultá-las, obscurecê-las, abstrai-las a partir de bases conservadoras e moralistas? (2003, p. 12)

As bases que nos são colocadas são bases ideológicas, alienantes e não tem como fugir dessa intersecção, estamos em uma sociedade ideologicamente desfavorável para expressões diferentes. Para muitos, ainda é difícil conviver e se relacionar com sujeitos fora desse padrão ideológico.

Portanto, o preconceito estará

corroborando para manter ideológica e moralmente a estabilidade e coesão da sociedade capitalista na qual vivemos, reforçando, independente da consciência que os sujeitos têm de sua ação preconceituosa, a manutenção da hegemonia de um projeto político opressor e explorador. (SANTOS, 2003, p. 13)

Como expressão dessa forma ideológica, neoconservadora, preconceituosa, intolerante e indiferente, podemos destacar várias formas de opressão e de violência, a exemplo da LGBTFOBIA.

1.3 A LGBTFOBIA como expressão do neoconservadorismo

A LGBTFOBIA³ está inserida em uma rede de violência que são praticadas em pessoas socialmente discriminadas. Isso porque, vivemos em uma sociedade que os papéis de masculinidade e feminilidade são pré-determinados desde sempre. O sistema patriarcal, é a base de compreensão desse aspecto, caracterizando como uma forma ideológica, sistemática e de opressão que determina como se caracteriza os homens e as mulheres.

Essa normatização patriarcal de gênero institui o homem (principalmente o branco, heterossexual e rico) como superior, forte, viril e dominante. Já as mulheres são educadas para serem pessoas frágeis, sensíveis, subservientes, tímidas, medrosas, monogâmicas, "apolíticas" e, de preferência, assexuadas, no sentido de que o sexo deve estar ligado apenas à função da procriação e para a satisfação do parceiro. (ÁLVARO, 2012, p. 6)

Obviamente essa normatização é reforçada pelas as instituições na sociedade, como a família, a Igreja, a escola etc. Álvaro (2012), exemplifica essa relação patriarcal que se entrelaça as relações, podemos tomar como exemplo de casais de lésbicas, onde a ausência do falo na relação sexual sempre é colocado que elas não fazem sexo "de verdade". É constante se deparar com inúmeros

³ O termo LGBTFOBIA, vem problematizar e também substituir o termo homofobia, "para caracterizar todas as violências e as opressões vivenciadas pelos sujeitos LGBT em razão da vivência da sexualidade fora dos padrões heteronormativos. Tratam-se de lesbofobia, homofobia, bifobia e transfobia; posturas opressoras que se encontram em muitos aspectos, mas que guardam também suas especificidades a depender do sujeito contra a qual se manifestam" (Relatório de crimes contra LGBT na Paraíba - MEL, 2013/2014)

questionamentos de pessoas heterossexuais que acreditam que lésbicas não sentem prazer e que não se tem um verdadeiro relacionamento. Como se elas ainda não tivessem encontrado e estivessem à espera constante de um cara viril, másculo, heterossexual, do qual, finalmente irá proporcionar uma vida sexual de verdade.

Como também, na eterna procura nos relacionamentos homoafetivos⁴, entre um que se comporte como mulher e o outro que se comporte como o homem da relação, isso é reproduzido tanto por pessoas heterossexuais, como pela a maioria dos homossexuais. Segundo Álvaro (2012, p. 7) o patriarcado

como um sistema enraizado nas relações sociais, não deixam imunes os casais homoafetivos, uma vez que esses também incorporam e reproduzem o modelo conservador das relações de gênero heteronormativas. Quando os casais homoafetivos incorporam essa heteronormatividade conservadora, no sentido de uma pessoa incorporar o papel masculino e a outra o feminino, isso fortalece a naturalização da heterossexualidade. Por isso, muitos pensam que, naturalmente, em todo casal homoafetivo um/a tende a ser mais masculino e outro mais feminino.

O sistema conservador patriarcal reforça e reproduz a heteronormatividade, ou seja, só é natural, aceitável e inquestionável, pessoas que se relacionem com o sexo oposto. E, portanto, só seria adequado para conviver em sociedade, pessoas heterossexuais, principalmente, pelo o fato delas conseguirem se procriar, como também por não se considerar gays, homens de verdade e nem lésbicas, mulheres de verdade. Estamos falando de um sistema ideológico, conservador e extremamente discriminatório. Portanto, para muitos ainda é difícil compreender e aceitar, sujeitos que não tenham esta condição.

Embebida de conceitos conservadores e ideológicos, essa não aceitação, pode se expressar de várias formas, na indiferença, na rejeição, na violência verbal, na hostilidade e na fase mais aterrorizante, na violência física e a morte. A LGBTFOBIA pode ser caracterizada como o ódio, o medo e a aversão, às pessoas que se relacionam afetivamente/sexualmente com outras do mesmo sexo, bem como as pessoas cuja identidade de gênero seja diversa daquela determinada biologicamente. Entretanto, não estamos falando apenas de um medo, caracterizado pelo o termo fobia, não o medo, se compararmos como por exemplo: o de barata, de altura, de animais, de andar de avião. Portanto,

⁴ Estamos utilizando o termo homoafetivos, invés do termo homossexualidade, isso por acreditar, que o termo melhor abrange os aspectos das relações homossexuais e que não está apenas inclusa a sexualidade, mas também a afetividade.

assim como a xenofobia, o racismo ou o antissemitismo, ela é uma manifestação arbitrária que consiste em qualificar o outro como contrário, inferior ou anormal. Devido a sua diferença, esse outro é posto fora do universo comum dos humanos (BORRILLO, 2010, p. 15)

A comunidade LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros) sofre diariamente com toda forma de violência, tanto pelos vários seguimentos da sociedade, como também pelos os seus familiares. É comum nos depararmos com histórias diversas de homoafetivos que foram expulsos de casa, que apanharam, que foram humilhados ou que se mataram, negligenciados pelo seus próprios parentes. Recentemente, foi exposto na grande mídia o caso de um garoto de 8 anos que foi morto pelo pai, simplesmente, pelo fato do menino ter comportamento "afeminado", o pai começou a espancar o menino que 'dançava e rebojava' - tudo para o garoto aprender a ser homem -, e por isso, o garoto foi espancado até a morte.

Infelizmente, não é tão difícil encontrar casos dessa magnitude. De acordo com o Grupo Gay da Bahia (GGB)⁵, no relatório anual de assassinatos 2013/2014, o Brasil é considerado o país que mais mata LGBT's em todo o mundo, "concentrando 4/5 de todas execuções do planeta" (pág. 1). Mata-se homoafetivos no Brasil a cada 28 horas, vítima de LGTBFOBIA.

Ainda de acordo com o relatório, 59% dessas mortes são praticadas contra gays, 35% contra trans, 14% contra lésbicas, 1% contra bissexuais. Esses números são tirados de pesquisas de jornais, revistas e internet, o banco de dados do GGB, é pautado diante de informações que são enviadas para o grupo. Portanto, mesmo não querendo entrar nessa discussão e mesmo que realmente se matem homoafetivos no Brasil - e esse dado é inquestionável - no Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual (ENUDES) realizado em Mossoró/RN, foram problematizados esses dados: será mesmo que se mata mais gays do que transgêneros no Brasil? Será que não são obscurecidos esses assassinatos? Será que não são taxados de outros crimes? Drogas? Tráfico? Ou que não são denunciados? Porque, não dá para negar, que a vivência Trans é mais opressiva do

⁵ O Grupo Gay da Bahia, surgiu na década de 1980 e se tornou peça fundamental na segunda onda de ativismo homossexual no Brasil. O grupo se fez importante em conquistas como: a campanha da retirada da homossexualidade do código de classificação de doenças do Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social (INAMPS); Foi o primeiro a conseguir o registro como sociedade civil sem fins lucrativos e importante campanhas na luta contra a AIDS com o movimento homossexual nas décadas seguintes. (SIMÕES, 2009)

que outros segmentos, principalmente, porque a figura masculina e feminina é desconstruída totalmente. Essas pessoas são excluídas da vivência com seus familiares, da sociedade, de ter um emprego, são colocadas à margem. Portanto, muitos dos crimes - possivelmente - não são expostos ou denunciados. Isso que dizer, que os números podem ser bem mais expressivos.

Segundo, o relatório da GGB, o Nordeste é a região que mais se mata homoafetivos no Brasil, ao concentrar "43% das mortes, seguido de 35% no Sudeste e Sul, 21% no Norte e Centro Oeste" (2014, p.1). Outro dado refere-se ao fato de que:

Cuiabá é a capital mais homofóbica do Brasil, com 17,6 homicídios para quase 570 mil habitantes, seguida de João Pessoa, com 14,3 mortes para 770 mil. Palmas ocupa o terceiro lugar, com 11,6 assassinatos para 257 mil habitantes, enquanto S.Paulo teve 5 mortes de LGBT, o que representa 0,42 para 12 milhões de moradores. (ibidem)

O Nordeste ser a região mais homofóbica e a capital da Paraíba, João Pessoa, ser a segunda que mais se mata homoafetivos no Brasil, não é de causar tamanho estranhamento. Afinal, o sistema patriarcal, conservador, ideológico e opressivo é muito mais problemática nessas regiões. Segundo o relatório de Assassinatos Contra LGBT na Paraíba (2013/2014) divulgado pelo MEL (Movimento Espírito Lilás), no ano de 2014, foram mortos 19 homossexuais no estado, ou seja, duas mortes por mês que tem como base a intolerância.

Para além desse debate, a lgbtfobia é uma realidade vivenciada e que aterroriza milhões de pessoas em todo o mundo. Os crimes tem aspectos de ódio, e são claramente crimes violentos, com requintes de crueldade. Muitas vezes, os órgãos sexuais da vítima são decapitados ou instrumentos são inseridos na parte anal desses sujeitos. Já nas mulheres lésbicas, são 'oferecidos' os estupro corretivos e que são praticados - em sua maioria - por vários homens, na tentativa de 'restabelecer' a sexualidade daquela mulher, já que ela ainda não encontrou o 'homem certo'

Citar exemplos de crimes de lgbtfobia não é um papel fácil, diante de imagens fortes, porém é preciso não obscurecer, não jogar para 'debaixo do tapete', é preciso que a realidade seja claramente demonstrada. Um dos crimes que chocaram a mídia e a comunidade LGBT, nos últimos tempos, foi de um garoto de 18 anos que foi abandonado com o pescoço e as duas pernas quebradas e na sua

boca foi colocado um papel com o bilhete extremamente homofóbico e que dizia claramente: "VAMOS ACABAR COM ESSA PRAGA!"



Figura 1 - A vítima é João Antonio Donati 18 anos, cruelmente assassinado vítima de homofobia, na cidade de Inhumas, região metropolitana de Goiânia. Fonte: Página de notícias na internet Sapatômica.⁶

Muitos outros crimes como o de João existem, a opção pela ilustração acima foi na intencionalidade em demonstrar de modo mais evidente as formas que a LGBTFOBIA toma cotidianamente, como também por exemplo, da Travesti conhecida como Inete, de 24 anos, que foi morta com mais de 30 facadas e por diversas agressões por quatro homens em plena rua da Cidade de Campina Grande - Paraíba. Ela foi perseguida e assassinada, sendo gravados pelas câmeras de segurança da cidade.

Luiz Mott destaca no relatório de crimes homofóbicos, alguns casos, que estão entre os crimes mais chocantes, como o do

Emanuel Bernardo dos Santos, de Serra Redonda, PB, 65 anos, professor e ex-vereador, morreu com 106 facadas e com cabo de foice introduzido no ânus; Eliwellton da Silva Lessa, negro, 22 anos, de São Gonçalo, RJ, após ter sido xingado de "viado", o motorista passou três vezes com o carro sobre seu corpo; a travesti Thalia, 31 anos, de Guarulhos, SP, foi morta com 20 tesouradas e teve seu pênis cortado; o funcionário público Everaldo Gioli de Andrade, 37 anos, foi morto num terreno baldio em Cuiabá, seu carro queimado, "o corpo foi encontrado amarrado, com visíveis sinais de tortura, com queimaduras feitas com pontas de cigarro e com mais de 20 golpes de facas e buracos de balas pelo corpo". (2014, p. 3)

Imagens e notícias de diversos crimes de vítimas de LGBTFOBIA podem ser encontradas facilmente no site 'Quem a homotransfobia matou hoje?',

⁶ Disponível em: <http://sapatomica.com/blog/2014/09/11/corpo-de-jovem-gay-e-encontrado-com-bilhete-na-boca-vamos-acabar-com-essa-praga/>. Acessado em: 23/12/2014

organizado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) que reúne relatos e noticiários de mortes de homossexuais, lésbicas e transgêneros de todo o Brasil, e que serve como base para construção dos relatórios anuais.

Luiz Mott considera como agravante para os crimes homofóbicos, várias formas de LGBTFOBIA, tanto a homofobia individual, quanto a cultural e governamental. O professor explica no relatório,

a homofobia individual, quando o assassino tem mal resolvida sua própria sexualidade e quer lavar com o sangue seu desejo reprimido; seja a homofobia cultural, que pratica bullying contra lésbicas e gays, expulsando as travestis para as margens da sociedade onde a violência é endêmica; seja a homofobia institucional, quando o Governo não garante a segurança dos espaços frequentados pela comunidade lgbt. (2014, p. 4)

Apesar das agressões e mortes já se configurarem crime no Brasil, ainda não há uma lei que criminalize especificamente a discriminação por orientação sexual e de gênero, há anos o Congresso Brasileiro vem relutando para não aprovar a Criminalização da Homofobia, e obviamente esta resistência, é arquitetada pela bancada parlamentar, que auto-intitulada evangélica, dentro da câmara e do senado brasileiro.

A criminalização da homofobia seria um passo importantíssimo para equiparar o crime de homofobia ao racismo, de acordo com o site oficial que discute a PLC 122/06, o projeto de lei complementar que "se aprovado, irá alterar a Lei de Racismo para incluir tais discriminações no conceito legal de racismo" (VACCHIATTI, 2010, s/p).

A sociedade brasileira necessita de um projeto de lei dessa magnitude,

ela precisa ser conscientizada de que não há um "direito" de discriminar alguém pelo simples fato de ter determinada orientação sexual ou identidade de gênero. O projeto torna-se necessário porque a sociedade brasileira aparenta considerar que a homofobia não é crime e que tem o "direito" de discriminar LGBTs. (ibidem)

A resistência da bancada evangélica, é justificada por acreditarem que o projeto de lei iria criminalizar os discursos religiosos afetando sua "liberdade de expressão", porém, "criticar um homossexual por sua conduta de forma respeitosa, sem ofender sua honra mediante singelas afirmações comprovadas por provas não é crime hoje e nem o será com o PLC n.º 122/06" (ibidem), ou seja, os discursos apresentados nas instituições perante afirmativas vindo da bíblia não iria ser crime.

Entretanto, as violências praticadas em pessoas dependem de discursos ideológicos para serem justificadas. Que liberdade de expressão é essa que é utilizada para justificar qualquer tipo de afronta aos direitos humanos? Portanto

uma coisa é dizer que a homossexualidade seria um “pecado”, mas outra bem diferente é dizer que homossexuais seriam “promíscuos”, “devassos”, que a adoção por casais homoafetivos seria uma “agressão ao menor” e outros impropérios do gênero, tendo em vista que tais considerações não estão pautadas pela exegese bíblica e menos ainda por dados empírico-científicos que lhes sustentem. Assim, considerando que a liberdade religiosa não garante a religiosos o direito de proferirem impropérios ofensivos a quem quer que seja. (ibidem)

Promover a laicidade do Estado não é uma tarefa fácil, os discursos de ódio proclamados diariamente e que é promovido pela articulação dessas instituições com a comunicação de massa, veja, que muitos tem seu espaço em TV aberta, promovem passeatas em prol da família e dos 'bons costumes', através da publicidade, jornais, revistas e rasgam o PLC/122 em praça pública e etc. Os discursos, muitos deles, injustificáveis, são a base para compreendermos a onda de assassinatos visualizados diariamente. Mesmo que não seja diretamente a sua causa, esses discursos de ódio servem como base de compreensão e de escape para crimes, ofensas e agressões discriminatórias.

As demandas dos movimentos sociais de grupos LGBT, como também de outros, dependem de uma dura batalha a ser enfrentada, na sociedade, nas instituições e dentro do congresso nacional. Nos últimos anos no Brasil, estamos vivenciando algumas vitórias, que é resultado de uma história de resistência por parte dos grupos de militantes LGBTs. Temos por exemplo: "o Programa Brasil Sem Homofobia, o Conselho Nacional de Combate à Discriminação (...) a Conferência Nacional LGBT e o “Disque Direitos Humanos aos Homossexuais” (TOITIO, 2014, pág. 12), como também, a vitória que veio do judiciário que aprovou o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, mesmo que esse não tenha sido mudado a lei constitucional que proclama o casamento como a união entre homem e mulher, e não tenha e nem poderia mudado, já que é dever do executivo foi uma grande vitória. Vivenciamos diariamente casais de homoafetivos que estão se casando civilmente, conquistando direitos que não o possuíam, a luta que segue agora é para o casamento igualitário.

Entretanto, também tivemos derrotas significativas, como o arquivamento da *Criminalização da Homofobia*⁷ e a proibição do Kit anti-homofobia, que era uma forte arma de conscientização que seria distribuída em todas as escolas públicas do país, com o objetivo de conscientizar os estudantes diante da diversidade sexual e afetiva dos indivíduos. O kit foi proibido diante da pressão realizada pela bancada evangélica que, de acordo com Toitio (2014, p. 13), "quando esta ameaçou com o "caso Palocci" – o qual estava prestes a ser chamado para depor sobre possível caso de corrupção.", e portanto, o que estava em jogo nessa relação era "manter o apoio da base aliada para sustentar a governabilidade" (ibidem)

O governo Petista, que durante os últimos anos vem sendo o único que vinha dando visibilidade as demandas dos movimentos sociais LGBT's dentro do governo, vem enfrentando fortes pressões dos seguimentos fundamentalistas para engavetar qualquer que seja a lei que traga algum benefício para a comunidade LGBT.

Considerando o PT representante de uma parcela da esquerda no Brasil, já que o partido representa o partido dos trabalhadores⁸, poderíamos afirmar que a esquerda tem sido um grande aliado para fomentar as demandas de orientação sexual e de gênero no nosso país. Mas, o PT tem embebido na sua história todas as demandas vindas de setores burgueses e de direita, e cedido a todas as pressões.

A esquerda tem relutado durante toda a sua história para absolver as demandas de outros seguimentos da sociedade, que eles não considerem classistas. O debate entre esquerda e os ditos "novos movimentos sociais" vem fomentando grandes discussões e problematizado os desafios a serem enfrentados na sociedade capitalista contemporânea.

Segundo Santos (2005, p. 02)

Há nítida diferença na forma como o partido político, mesmo sendo de esquerda, e os sujeitos coletivos, com atuação direta na área, absolvem

⁷ Mesmo diante do arquivamento da criminalização da homofobia, existe uma nova proposta que está sendo apresentada pela deputada federal Maria do Rosário (PT-RS), através do PL 7582/2014 em tramitação na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara. Essa nova proposta, é para tentar quebrar a forte investida conservadora que a PL/122 sofreu, o novo texto é muito mais abrangente e tem total apoio da Presidente Dilma. Fonte: <http://www.pt.org.br/novo-projeto-contra-homofobia-tem-apoio-de-dilma/>

⁸ É preciso fazer algumas ponderações, pois o partido dos trabalhadores (PT) durante toda sua história, só representou a esquerda, no início do governo. Estamos levando em consideração muito mais a sua história do que a sua gestão. (SANTOS, 2005)

demandas pela LOS (*Livre Orientação Sexual*) Isso porque a tendência tem sido o partido negligenciar as conseqüências dessa forma de opressão.

Historicamente, ativistas da esquerda afirmaram "que a homossexualidade é produto do comportamento decadente da burguesia, que desapareceria com o socialismo" (GREEN, 2012, p. 32), muitos de membros assumidamente homossexuais foram expulsos de partidos de esquerda, como Green (2012) exemplifica, um dos fundadores da organização política gay Argentina El Grupo Nuestro Mundo "foi formado por um membro do Partido Comunista Argentino, do qual havia sido expulso por ser homossexual" (ibidem), isso é um legado que é vivenciado historicamente por todo o mundo.

No Brasil, na primeira onda de ativismo homossexual tinha como protagonista o Jornal Lampião e que por sinal, caracterizou um grande avanço, já que conseguiu mobilizar, em plena efervescência do regime militar, a defesa em forma política da homossexualidade no país. Em abril de 1978 foi promovido um debate que incluía a participação sobre os jornais alternativos, e que foi realizado por outro jornal, ligado à organização de esquerda (hoje o PSTU), nesse espaço, foi tentado impedir a participação de representantes do jornal lampião, e que acabou desencadeando discussões sobre a homossexualidade e política. (SIMÕES, 2009). Como consequência desse debate, "o núcleo original do que viria a ser o Somos-SP⁹ formou-se dos participantes desse debate que se identificavam como homossexuais interessados em discutir sua sexualidade a partir de suas próprias vivências" (SIMÕES, 2009, p. 96)

Portanto, a crítica que é colocada, segundo Santos refere-se ao

legado de um tipo de esquerda, considerada tradicional, que não dispensou atenção ao universo das opressões particulares (a igualdade nas relações sociais de gênero; o anti-racismo; a liberdade de orientação sexual, dentre outras) e que insiste em se reproduzir, sob variadas formas, sobretudo, no ambiente partidário. (2005, pág. 3)

É de se assustar que encontremos na história da esquerda, esse tipo de postura, isso porque estamos falando de uma comunidade de sujeitos que são historicamente e diariamente negligenciados em seus direitos fundamentais, isso é "embasado na violação dos direitos humanos e civis dos gays e lésbicas, é

⁹ O grupo Somos, faz parte da primeira onda de militantes homossexuais, que junto com o jornal lampião, caracterizou um processo de efervescência sobre o debate da homossexualidade na década de 1970 e 1980 no Brasil.

fundamentada no posicionamento político contra a dominação de gênero e a opressão de classe. A mesma está diretamente ligada à luta de classe" (SOUSA, 2014, p. 28), estamos falando de uma classe trabalhadora que não é somente pobres, brancos, de olhos claros e heterossexuais, estamos falando de uma classe que é também, negra, gay, lésbica, transgênero e etc.

Impossível de se pensar em uma luta para outra forma de sociabilidade que não passe também pelos direitos humanos individuais, afinal, isso ainda segundo Sousa

Passa diretamente pela luta de emancipação humana e pela sociabilidade humana onde todos e todas possam desenvolver de forma livre suas potencialidades humanas. Marx defendia a emancipação humana e dizia que a sociedade que queremos é uma sociedade em que o gênero humano pudesse evoluir nas suas capacidades de maneira plena e livre. (ibidem)

Estamos falando de uma luta contra toda forma de opressão, violência que é sustentada e reforçada pela sociedade capitalista de classes antagônicas, na construção de uma sociedade radicalmente nova, igualitária e humanamente livre.

Portanto, "não é a causa gay, o movimento gay ou a bandeira gay que está em jogo, mas a luta pela liberdade, pelos direitos negados historicamente pela sociedade patriarcal, machista, conservadora e heteronormativa" (SOUSA, 2014, p. 29). A liberdade que queremos em uma sociedade emancipada, ainda segundo Sousa, "não passa apenas pela a emancipação econômica, e sim por todas as formas de opressão e exploração. Com o capitalismo é impossível rompermos com a homofobia. Assim com homofobia não há socialismo." (2014, p. 31)

A comunidade LGBT também tem se afastado no decorrer da sua história da esquerda, isso por acreditarem, inversamente, que as formas de opressão não tem ligação nenhuma com a economia. Em um vídeo postado recentemente na internet - no canal das bee¹⁰ - a transexual Amanda Pallha, militante do movimento e comunista traz perfeitamente o entendimento estrutural que o movimento deve ter entre opressão e economia.

o que a gente não liga é que as opressões não se mantêm a toa, elas tem uma função na sociedade, senão elas teriam sido ultrapassadas, então quer dizer, porque é útil que se tenha uma população marginalizada? a gente não percebe, que tem uma organização social, onde tem uma classe que detém as coisas, os meios de produção, a grande burguesia, e tem uma classe que é explorada, que a gente que vende a força de trabalho (...) a classe que detém os meios de produção, precisa buscar mais formas de obter mais lucro, uma das formas é rebaixar salário e precarizar as formas de trabalho.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/CanalDasBee>

E como faz isso? Criando subclasses de trabalhadores, subclasses de gente, quando você tem uma opressão, você tem uma subclasse de gente. Aí você tem duas coisas, primeiro, elas vão receber menos, como já recebe a população negra, as mulheres, e você vai ter uma coisa gigante, que é o exército de reserva. Aquela galera desempregada, que é importante que fique desempregada para sistema, porque como acontece com o telemarketing, é preciso crescer com pouco investimento, pega a galera que tá desempregada, que é sub gente e emprega. Porque é gente de segunda classe, não preciso pagar direito, não precisa tratar direito. Aí você ver a comunidade LGBT, cada vez mais marginalizada, entrando no telemarketing, sem respeito de nome social, sem poder usar o banheiro adequado ao seu gênero, com salário rebaixado. (...), os mecanismos de opressão se mantêm porque eles são úteis para o sistema, e são úteis ao sistema, porque eles servem a uma melhor exploração de quem trabalha. (...) pessoas LGBT de condição financeira mais alta, também é oprimido, mas não estamos falando do indivíduo, estamos falando que o sistema de dominação, se mantêm, não é para oprimir a burguesia é para oprimir quem está embaixo, a burguesia acaba oprimida por respingo mesmo, porque precisa manter isso pra todo mundo" (2015)

Exatamente por isso, que é importante que a comunidade LGBT também se envolva com a esquerda, a comunidade LGBT está morrendo, está sem terra, sem casa, sem educação. Não tem como desvincular opressão de economia. Podemos visualizar dentro da própria história da militância casos de afastamento aos partidos de esquerda, o grupo Somos, vivenciou algumas cisões no decorrer de sua história, uma porque representantes lésbicas e feministas quiseram se separar para percorrer e criar outras frentes de lutas, e uma cisão "deu-se em torno da proposta de participação do Somos na manifestação de apoio aos trabalhadores em greve do ABC paulista", (SIMÔES, 2009, p. 107) o grupo acabou se dividindo entre os que foram aos estádio e os outros que não foram. E a alegação dessa não participação, foi que "o Somos estava com sua autonomia comprometida em virtude da atuação de membros ligados a organizações político-partidários" (SIMÔES, 2009. p. 108), o que acabou daí, formando outras frentes de lutas.

Alguns movimentos de esquerda têm despertado nos últimos anos no Brasil para todas as lutas dos movimentos sociais, seja de ordem de gênero, de classe, de terra, de orientação sexual. O PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) tem sido um partido que apesar de estar em número menor no Congresso Nacional, tem despertado para essa temática. Sobre isso cabe destaca que visualizamos nas eleições para presidência de 2014, a candidata Luciana Gerro levar em propagandas políticas (apresentando beijo entre pessoas do mesmo sexo) e nos debates em TV aberta o tema relacionado a livre orientação sexual. Como também visualizamos

candidatos como o Levy Fidelix (PRTB - Partido Renovador Trabalhista Brasileiro) e que expressa declarações fundamentalistas em pleno debate eleitoral.

Recentemente, foi criado um grupo a partir da militância LGBT do PCB (Partido Comunista Brasileiro), se constitui como um coletivo LGBT classista, com o objetivo central de articular as vivências de opressão em uma sociedade classista e fomentar em uma luta de todos. Essa frente é extremamente importante, principalmente, quando sabemos da relativa dicotomia que existe entre os dois segmentos.

Além dos partidos políticos, coletivos, militância, outros seguimentos tem despertado para a luta pela livre orientação sexual, dentre eles, profissões como o Serviço Social, que tem na sua história recente a aproximação com os movimentos sociais, a exemplo da articulação com a comunidade LGBT, além de fomentar o debate e as discussões. Contudo, esse debate, ainda não consegue chegar efetivamente no interior da formação profissional e da categoria, ao menos, não com a força necessária. Em uma entrevista com profissionais do Serviço Social feita para elaboração da Dissertação de mestrado de Marcelino (2011) da Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), podemos constatar a fala de alguns assistentes sociais sobre o temário da diversidade a nos incitarem muitas reflexões. A seguir, um depoimento que exprime exatamente o que queremos expor:

O conselho de assistência social por mais avanço que ele tenha feito em questão das homossexualidades, mas não abriu a cabeça das assistentes sociais pra dizer: não seja homofóbica, não seja racista! E a gente sabe que a maior parte das que estão na base, das que vão decidir se sua família vai ganhar tal benefício, se a sua família é homoafetiva ou não, são assistentes sociais. Se o Programa Saúde da Família (PSF) vai visitar, se o lixeiro vai passar naquela casa... É muito bonito o que o conselho fez, mas não se faz o cumpra-se dele. Porque o que a gente tem de assistente social vivendo como na época da LBA é muito complicado (Azaracá, 25/10/2010).

Nesse sentido, apesar da Universidade se propor a ser um espaço formador e disseminador de conhecimento, bem como contribuir para a construção de uma consciência crítica, observa-se, no entanto, que esta tem sido um campo que não consegue diluir o conservadorismo ainda tão presente no curso de Serviço Social. Do estudo realizado identificamos a presença de um quadro de homofobia diretamente relacionado com o conservadorismo religioso. É sobre o solo do neoconservadorismo que a formação profissional tem se movimentado nos últimos

tempos, o que tem se configurado como um grande desafio/embate, tendo em vista, o perfil profissional que o curso tem pretendido alcançar.

2. VISÕES E DISTORÇÕES DOS ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL DA UFCG

Seu nome é povo
Chamam desordeiros
Os que carregam faixas
Atitudes e palavras
Que chocam o sistema.
[Pretos, amarelos e índios!]
Chamam desordeiros
Os que entram na batalha
De cabeça erguida
E consciência inflamada.
[Pobres, mulheres, famintos!]
Chamam desordeiros
Os que se indignam
Os que hasteiam bandeiras
De liberdade, justiça e paz!
[Jovens, velhos, homossexuais!]
Estão na rua
Clamor em voz alta
Até os surdos escutam

E a TV não diz nada
Chamam desordeiros
Mas seu nome é povo
A luta é direito
De fazer um mundo novo!

Poesia Clandestina_

Nesse capítulo, iremos nos apropriar especificamente da pesquisa realizada com os estudantes de Serviço Social da UFCG, aqui será analisado os dados encontrados, como a opinião dos estudantes em relação a homossexualidade/homoafetividade, a adoção por casais homoafetivos, sobre o casamento e algumas perguntas hipotéticas que incidem diretamente no trabalho profissional. Assim, conseguimos traçar alguns desafios, dilemas e reflexões que nos foi apontados no decorrer do processo de pesquisa.

2.1 Perfil dos sujeitos

Para fins de análise realizamos uma pesquisa com estudantes de Serviço Social da UFCG - Sousa, de períodos distintos, já que o curso só possui 4 turmas (1º período, 3º período, 5º período e 7º período) focalizando sobre o conservadorismo, ainda, dentro da academia que perpassa todo o processo de formação profissional e como pode deságua no trabalho efetivo como assistentes sociais.

Foram aplicados questionários com perguntas diretas e perguntas hipotéticas, em todas as turmas, totalizando 118 válidos. Às turmas do 1º, 3º e 7º período foram aplicadas o número parecidos de questionários, já a do 5º período, pelo baixo número de estudantes só foram aplicados 15 questionários, isso porque o curso tem adquirido no decorrer do tempo um grande número de desistência,

portanto, o nível de comparação ao 5^a período vai ficar um pouco limitado, mas, não afetará o resultado final da pesquisa.

Os estudantes de Serviço Social da UFCG tem um perfil predominantemente feminino com 87,29%, comparado ao masculino com 12,71%. Isso caracteriza uma particularidade do curso de Serviço Social desde sua gênese. As primeiras escolas de Serviço Social emergiram com a noção de caridade da Igreja Católica no enfrentamento a questão social, com isso, só ingressavam nas escolas mulheres e que tinham um legado religioso, e isso, "está diretamente ligado às características enraizadas e culturalmente legitimadas ao âmbito feminino" (CRAVEIRO; MACHADO, 2011, p. 4)

O papel é dado a mulher na sociedade centra-se na realização de tarefas caridosas e educativas. No contexto de emergência do Serviço Social, vinculado ao Capitalismo monopolista, o Estado necessitava intervir na questão social, com o objetivo de controlar as massas de trabalhadores, que em decorrência do processo de industrialização, começavam a lutar por melhores condições de vida e de trabalho. É nesse momento é introduzido o trabalho do serviço social, para controlar de forma ideológica a classe trabalhadora. Portanto, esse papel seria melhor articulado pelas mulheres da sociedade, pois, vincula a mulher o dever de cuidar, de ajudar, de ter bondade, totalmente inserido no contexto de uma sociedade machista e patriarcal.

Dá-se a mulher a responsabilidade de ordem social no enfrentamento as expressões da "questão social", e que a autora Álvaro baseado no pensamento de Maria Kiehl, nos coloca que o homem é a de exercer um papel intelectualmente

empreendedor, combativo, tende para a dominação. Seu temperamento prepara-o para a vida exterior, para a organização e para a concorrência. A mulher é feita para compreender e ajudar. Dotada de grande paciência, ocupa-se eficazmente de seres fracos, das crianças, dos doentes. A sensibilidade torna-a amável e compassiva. É, por isso, particularmente indicada a servir de intermediária, a estabelecer e manter relações. (IAMAMOTO; CARVALHO apud ÁLVARO, 2004, p. 45)

Por isso, a história do Serviço Social está totalmente ligada ao aparato do apostolado laico religioso e aos papéis de gênero e que constitui a profissão como predominantemente feminina, "profissão esta, diretamente vinculada à família,

à mulher, à criança, ao adolescente pobre, enfim, á questões historicamente atribuídas ao gênero feminino" (ÁLVARO, 2004, p. 45)

Essa relação com os papéis de gênero que está contido na sociedade, obviamente se perdura até hoje na profissão, é exemplificado pela referida autora, durante o fechamento do Seminário sobre política social e formação profissional realizado em Belo Horizonte.

Muitas primeiras-damas são secretárias de assistência social. Isso demonstra o vínculo entre o que se concebe da imagem de mulher para execução e planejamento da política de assistência social, o que está relacionado com a concepção do Serviço Social (2013, p. 1)

Isso traduz também a explicação da subalternidade que é inserido na profissão no decorrer da sua história, e isso, está totalmente ligado a subalternidade empregada a mulher na sociedade, portanto, “o problema não é o Serviço Social ter predominância de mulheres, e sim, a lógica patriarcal que rotula e desvaloriza profissões tidas como femininas” (ÁLVARO, 2013, p. 3)

A pesquisa realizada também nos mostra que a maioria desses estudantes, estão na faixa etária entre 15-25 anos contabilizando 78,81% , e, 16, 95% de 26-35 anos de idade e 4,2% entre 36-55 anos ou mais. Em sua maioria são solteiros com 78,81%. Predominantemente o curso é composto por jovens, um avanço que o ensino superior nos últimos 12 anos tem conseguido alcançar, mesmo que de forma quantitativa, já que o acesso a Universidade foi ampliado, fazendo com que tenham conseguido adentrar o espaço do ensino superior. Dentro dessa ampliação temos o REUNI (Programa de Apoio a Planos de reestruturação e expansão das Universidades federais), que cujo curso de Serviço Social na UFCG em Sousa - Paraíba é fruto, temos também o SISU (sistema de seleção unificado), a Lei de Cotas que destina parte das vagas na universidade à minorias historicamente excluídas desses espaços, a ex de negros e alunos de escolas públicas, o PROUNI (Programa Universitário para todos) que proporciona aos estudantes a entrarem através de bolsas integrais e parciais em faculdades particulares, como também o FIES como financiamento estudantil. Isso significa o aumento do acesso ao ensino superior cada vez mais de jovens.

Entretanto o acesso ao ensino superior ainda é restrita a alguns segmento socialmente discriminados na sociedade. Verificamos na pesquisa que

99% de todos os(as) estudantes do curso de Serviço Social se denominaram heterossexuais e apenas um(a) estudante assumiu sua homoafetividade. Não sendo uma particularidade somente da UFCG, e sim, de um sistema educacional que ainda discrimina e joga para marginalização esses sujeitos.

No modo de produção capitalista, a escola acaba se tornando um lugar opressivo, e segundo Junqueira (2009), na qual, configura-se um lugar de opressão, discriminação e preconceitos, e que os LGBT enfrentam bastante dificuldades. Na pesquisa efetuada pela UNESCO (2004), podemos verificar o nível de preconceito existente na escola, nesse estudo:

um quarto dos alunos entrevistados afirmaram que não gostariam de ter colegas homossexuais. O percentual fica maior ainda quando se trata apenas dos meninos. No Rio de Janeiro, entre os responsáveis, 40% não gostariam que seu filho estudasse junto com um colega homossexual. Esse percentual cai muito entre professores, mas há ainda um grande número de educadores que rejeitam a idéia de ter um aluno gay ou uma aluna lésbica. No Rio de Janeiro, 15% dos estudantes acham que a homossexualidade é uma doença, chegando a 23% entre os homens. O percentual é de 16% entre os educadores (CASTRO, 2004 apud BORTOLINI, 2009, p. 4)

A educação ainda é um problema a ser enfrentado quando falamos da inserção desses sujeitos ao ensino, principalmente, quando falamos da vivência trans, 'afeminados' e as mulheres 'masculinizadas'. Os transexuais são restritos do ensino desde a infância, por medo da repressão que vivenciam diariamente dentro das escolas, acabam sendo levados a abandonar o estudo e se dedicarem aos trabalhos relacionados à beleza ou a prostituição. E obviamente, dificilmente esses sujeitos chegarão ao ensino superior.

Fontenelle (2014, s/p), ao abordar a pesquisa realizada pelo pesquisador Lourival Ferreira de Carvalho Netto, sobre o acesso à educação de transexuais, aponta que essas pessoas

acabam sendo excluídas de todo processo social. “Não se vê travestis, por exemplo, frequentando regularmente hospitais públicos ou privados, instituições de ensino básico e superior, nem inseridas no mercado do trabalho formal. A dificuldade de acesso à educação aparece justamente quando assumem o seu gênero. Isto é, quando elas ‘invertem’ o papel que a sociedade lhes carimbou a partir da sua genitália de nascimento

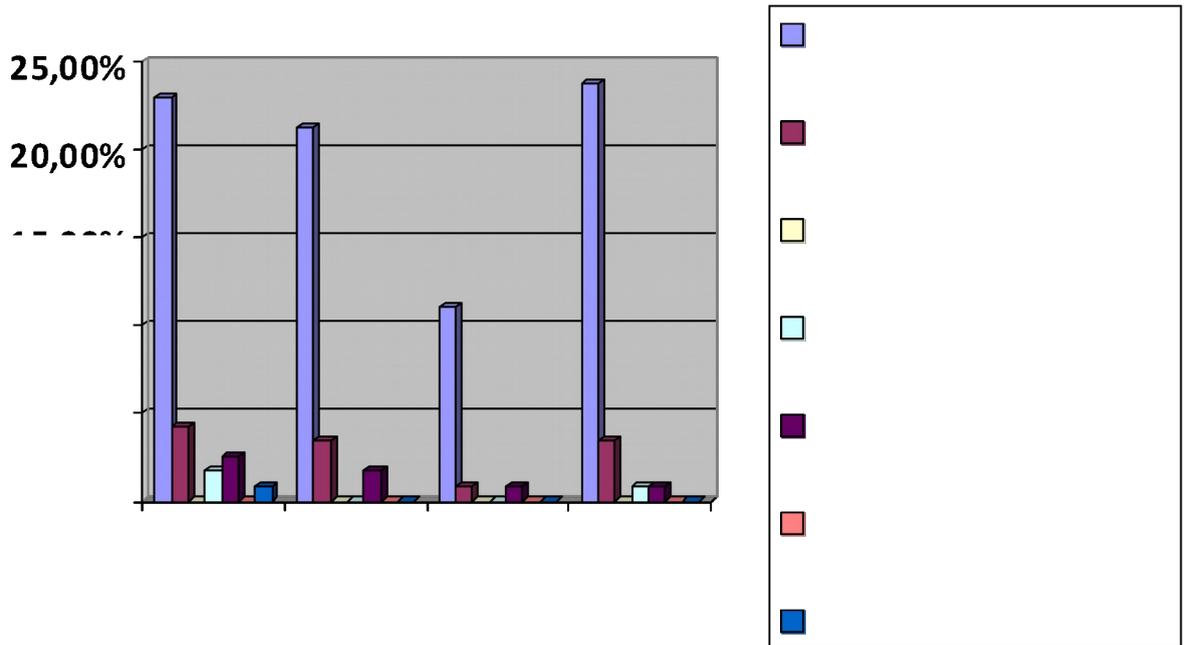
É necessário políticas públicas voltadas para esses seguimentos de sujeitos socialmente discriminados. Para ilustrar, em uma iniciativa inédita no Brasil e na América do Sul, o prefeito de São Paulo Fernando Haddad, anunciou a criação de

um projeto que destina um salário mínimo para que Travestis e Transexuais voltassem ao estudar. De acordo com a reportagem de Mariana Sanches (2015, s/p) "para receber o salário do município, as beneficiárias terão que comprovar presença nas aulas" e, portanto, o "valor é três vezes maior do que o orçamento do próprio governo federal para ações voltadas ao público LGBT no ano passado". Esse tipo de programa é de extrema necessidade para que no futuro esses sujeitos consigam entrar no mercado de trabalho formal e, também, conseqüentemente, no ensino superior.

Podemos, também, compreender que está inserido nesses números pesquisados, o fato de que os estudantes terem medo/vergonha de assumirem sua sexualidade, ou até mesmo, por não se reconhecerem como tal. Sabemos que assumir publicamente, até mesmo através de uma pesquisa, da qual, não tinha como se identificar, não é uma tarefa fácil. Já que o preconceito está presente em todos os espaços e todas as instituições.

Analisamos, também, a religião dos estudantes do curso de Serviço Social, e a Cristã/Católica, com 78,81%, foi a religião predominante, seguida vem a Protestante com 11,86%. Entre aqueles que se declararam sem religião, espíritas e budistas contabilizam 9,33% juntos. Quando delimitamos como se dá em cada período, podemos verificar que a porcentagem de protestantes incidem com frequência parecida em todos os períodos, com exceção o 5º período que devido ao baixo número de estudantes, não pôde ser comparado da mesma forma, vejamos no gráfico 1.

Gráfico 1 - Religião predominante



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa

Os números refletem a realidade da sociedade brasileira, já que o Brasil é um país de predominância Católica, mesmo com a diminuição de fiéis ao longo do tempo e o aumento significativo das religiões protestantes e das Igrejas neopentecostais. A religião está inserida na história do serviço social em todo o mundo e isso é um fato incontestável, já que "o serviço social de cunho católico era tido como uma vocação, o que significava a adoção de uma entrega incondicional e de um espírito de sacrifício no cuidado, tanto do corpo quanto da alma" (SIMÕES, 2005, p. 47), essas características aplicadas a profissão se perpetua por toda sua história, é evidente, que mesmo com todo o processo de ruptura com o conservadorismo, essas características se tornaram inerentes ao curso de serviço social, mesmo que esse, não o tenha mais como sentido norteador para a profissão na contemporaneidade.

Ainda segundo SIMÕES (2005, p. 69) a religião é considerada "como uma das importantes instituições que compõem a sociedade, sendo fornecedora de uma moralidade social", como também outras instituições na sociedade. Essas instituições "definem um tipo de comportamento esperado para os indivíduos, em cada situação. Elas estabelecem um dever ser" (ibidem)

Na pesquisa realizada por Simões (2005), com profissionais de Serviço Social do Brasil e da Inglaterra, constatou-se que os valores religiosos são instrumentalizados na prática dos assistentes sociais. Ou seja, os elementos religiosos, como os valores de cuidar, a vocação, a ajuda, estão inseridos no cotidiano profissional. Para ele, isso não é algo negativo, já que está inserido na sociedade, e em outras profissões. Porém, discordamos da finalização que o autor dá ao seu livro, já que para ele era necessário introduzir cadeiras referentes a religião no curso de serviço social, para que os estudantes pudessem compreender as nuances positivas/negativas que a religião propõe. Se pensarmos na diversidade religiosa existente, poderiam recair na sobreposição de um corrente religioso em cima de outra.

Faz-se necessário evidenciar que o problema não está situado na religião em si, para isso, podemos nos remeter aos escritos do próprio Karl Marx, "Para a questão Judaica", de 1843, quando ele vem debater e criticar os escritos de Bruno Bauer sobre a religião de Estado. Para Bauer, era preciso se libertar da religião para que os indivíduos, tanto cristãos como judeus, pudessem ser emancipados.

Na Crítica da filosofia do direito de Hegel (1843), escrita antes da questão judaica, Marx (2010, p. 145) vê a religião como a expressão do que os sujeitos da sociedade sofrem, porque "a religião é de fato a autoconsciência e o autossentimento do homem", e portanto, "a religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o *ópio* do povo" (ibidem)

Mesmo diante dessas considerações, Marx nos coloca em "Para a Questão Judaica", que para que os sujeitos tenham uma emancipação não é preciso renunciar a religião. É preciso sim, que o Estado não tenha religião e que não proclame uma religião como predominante, por isso para ele "o Estado pode assim ter-se emancipado da religião, embora a imensa maioria continue a ser religiosa. E a

imensa maioria não deixa de ser religiosa pelo facto de o ser na intimidade. (1843, p. 11)

Em outras palavras, TEIXEIRA (2010, p. 70), nos diz

A emancipação política exige apenas um Estado laico, um Estado que não reconhece como oficial qualquer religião particular; um Estado que professe a liberdade de culto religioso, deixando aos indivíduos o livre arbítrio de escolher e exercer a religião que lhes aprouver. Afinal, a religião é uma questão de fórum íntimo; não é uma questão do Estado.

Portanto, o que está em jogo não é a religião em si, mas os aspectos fundamentalistas que a religião pode proclamar. Nesse sentido, segundo Panasiewicz (2006, p. 3) abordando as palavras de Leonardo Boff, o fundamentalismo relaciona-se à:

[...]forma de interpretar e viver a doutrina. É assumir a letra das doutrinas e normas sem cuidar de seu espírito e de sua inserção no processo sempre cambiante da história, que obriga a contínuas interpretações e atualizações, exatamente para manter sua verdade essencial. Fundamentalismo representa a atitude daquele que confere caráter absoluto ao seu ponto de vista.

E portanto, fundamentalista é aquela pessoa "que se fecha em sua própria concepção da verdade, não se abrindo para o diálogo e nem para novas construções de identidade. Quer impor sua maneira de compreender "a verdade" aos seus interlocutores" (ibidem)

Um exemplo, é o caso do Jornal Charlie Hebdo na França, que foi atacada em Janeiro desse mesmo ano, por fundamentalistas islâmicos e ocasionou na morte de 12 jornalistas, que publicavam diariamente charges expondo o profeta Maomé em várias situações - algo que é proibido pela religião - mesmo que a liberdade de expressão não dá o direito de oprimir qualquer pessoa ou religião, nada justifica um ato violento dessa magnitude.

É esse mesmo fundamentalismo religioso que é proclamado por vários adeptos em relação a temas que perpassam a diversidade sexual, principalmente com o crescimento das Igrejas Neopentecostais, que dão um viés mais ortodoxo a temas da sociedade. Neopentecostais é o nome que se dá aos pentecostais de terceira geração, já que esses se dividem em três grupos, que vai da Assembleia de Deus e Congregação Cristã do Brasil da primeira geração, à Quadrangular, Brasil para Cristo, Casa da Bênção, Deus é Amor, da segunda geração, e a Igreja

Universal do Reino de Deus, que é a principal igreja da terceira geração. (STEFANO, 2009)

Ainda segundo STEFANO (2009, s/p) para os neopentecostais

o mundo está completamente tomado por demônios, e é sua função expulsá-los. Pregam a prosperidade como meio de vida. Pobreza é coisa de Satanás. Doença só existe em quem não acredita em Deus e sua origem é o demônio. Seus cultos são sempre emotivos objetivando uma libertação do mundo satânico. Em muitos pontos pode-se dizer que suas doutrinas são bem parecidas com as doutrinas das religiões orientais, tais como Seicho-No-E, induísmo e budismo. Para eles o crente não pode sentir dor, ser pobre ou estar fraco.

Esse viés ortodoxo que rebate diretamente nos temas que perpassam a diversidade sexual e a livre orientação sexual, levando sobretudo, em consideração a ligação que esses seguimentos têm com a comunicação de massa e com a política, acabam por proliferar seus ideais como a verdade absoluta e imutável para seus adeptos fundamentalistas.

Obviamente, a relação desses sujeitos com qualquer profissão é uma relação conflitante. Principalmente, quando o projeto profissional de uma profissão como o Serviço Social que é totalmente contrária a todas as formas de opressão e que luta na contemporaneidade para a livre orientação sexual. Para podermos analisar essas questões, foram feitas perguntas relativas à opinião dos estudantes do curso de Serviço Social na UFCG sobre a homossexualidade/homoafetividade sobre a adoção por casais homossexuais, ao casamento homoafetivo e perguntas hipotéticas que incidiam diretamente no posicionamento deles(as) como assistentes sociais.

2.2 Concepção de homossexualidade/homoafetividade e impasses para a atuação profissional

Foi perguntado como os(as) estudantes concebiam a homossexualidade. A pergunta tinha alternativas e também um espaço para expressarem outra opinião. Podemos perceber que alguns sinalizam ser um

problema psicológico e, ainda, algo que deva ser eliminado, vejamos especificadamente:

Tabela 1 - Concepção à homossexualidade/homoafetividade

RESPOSTA	1º PERÍODO	3º PERÍODO	5º PERÍODO	7º PERÍODO
É uma doença	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
É algo biológico	9,3%	0,8%	1,7%	6,8%
Problema psicológico	0,0%	0,8%	0,0%	0,0%
Uma condição humana	16,9%	11,9%	8,5%	11,9%
É algo que deve ser eliminado	0,0%	1,7%	0,0%	0,0%
Outra opinião	5,9%	11,0%	2,5%	9,3%
Não respondeu	0,0%	0,0%	0,0%	0,8%
Total	100%			

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa

Comparado as outras turmas, verificamos que 0,8% dos estudantes do 3º período consideram a homossexualidade um problema psicológico, e que 1,7% desses estudantes pensam que a homossexualidade deve ser eliminada. Quando fazemos a correlação desses índices com a religião praticante, podemos verificar que essas porcentagens, sobressaem mais com a religião protestante. Ou seja, os estudantes que explicitaram seu posicionamento fundamentalista eram da religião protestante majoritariamente.

Até meados da década de 1980, a Organização Mundial de Saúde (OMS) considerava a homossexualidade como uma doença, que deveria ser tratada e eliminada da sociedade. Antes, essa condição,

foi interpretada, admitida e explicada de diferentes formas ao longo do tempo. Porém, a partir do século XIX a medicina definiu a homossexualidade como uma doença fisiológica, e no início do século XX a teoria psicológica de Freud foi a primeira a ganhar visibilidade com uma visão que considerou tal fenômeno como um desvio no desenvolvimento da sexualidade (PALMA; LEVANDOWSKI apud ALVES, TSUNETO, 2013, p. 2).

Só em 1990, no Brasil, que o Conselho Federal de Psicologia (CFP) veio constatar que a homossexualidade não constitui doença ou problema psicológico, e que os psicólogos que tratassem alguém homossexual sobre essa vertente, deveriam ser punidos.

A chamada "cura gay" foi um assunto problematizado e colocado em pauta no congresso nacional, arquitetada pela bancada evangélica, pelo deputado João Campos (PSDB - GO), que tinha como proposta arquivar essas resoluções do Conselho Federal de Psicologia (CFP) que proibia o tratamento de reversão da homossexualidade. E como grande aliado na presidência da comissão de Direitos Humanos na época, o deputado Marco Feliciado (PSC- SP), conseguiu colocá-la em pauta e aprová-la, pela esmagadora maioria que eles tinham na câmara federal. Felizmente, pela grande rejeição popular, o projeto de lei foi arquivado.

A procura incessante do que causa a homossexualidade/homoafetividade, tem sido uma grande problemática durante toda a história, ainda hoje, vários países, principalmente onde existe predominância da religião muçulmana, condenam as pessoas homoafetivas com pena de morte e prisão perpétua.

Muitos acreditam que a homossexualidade seja de ordem biológica ou que o meio em que o sujeito vive, pode influenciar sua orientação sexual. Biologicamente falando, nunca se encontrou um gene exclusivo da homossexualidade, como também a influência que o meio onde o indivíduo vive, não tem nenhuma relação com a prática homossexual, pelo o contrário, pessoas homossexuais são influenciadas pelo mundo heterossexual, heteronormativo, patriarcal e machista, portanto, se assim fosse, todos seriam heterossexuais.

Estudiosos têm encarado a homossexualidade como uma condição humana, mas não em relação ao gene biológico, e sim, em dizer que a homossexualidade faz parte da condição de sermos humanos, tão natural quanto a heterossexualidade, não sendo uma perversão, escolha, ou desgeneração da sexualidade.

Quando sinalizamos a outra opinião dos estudantes de serviço social, podemos perceber em um percentual de todos os entrevistados, que a maioria compreende a homossexualidade como uma opção. (Gráfico 2)

A visão de que a homossexualidade poderia ser uma opção, está relacionada com a possibilidade de se mudar de sexualidade quando o sujeito quiser, e o indivíduo escolhesse sua orientação sexual quando lhe fosse conveniente, o termo opção sexual é descartado pela militância da comunidade LGBT há muito tempo, o termo orientação sexual passou a tomar o lugar de opção, por se considerar que ela não compreende a realidade dos homoafetivos, porque para

a maioria das pessoas, a orientação sexual emerge no início da adolescência, antes mesmo de qualquer experiência sexual. Algumas pessoas relatam terem tentado, durante muitos anos, mudar a sua orientação sexual de homossexual para heterossexual, sem sucesso. Por estas razões, os psicólogos não consideram que, para a maioria das pessoas, a orientação sexual seja uma escolha consciente, que possa ser voluntariamente mudada. Por isso, não se deve falar em "opção ou escolha sexual" mas, em "orientação sexual". (CERQUEIRA, 2003, s/p)

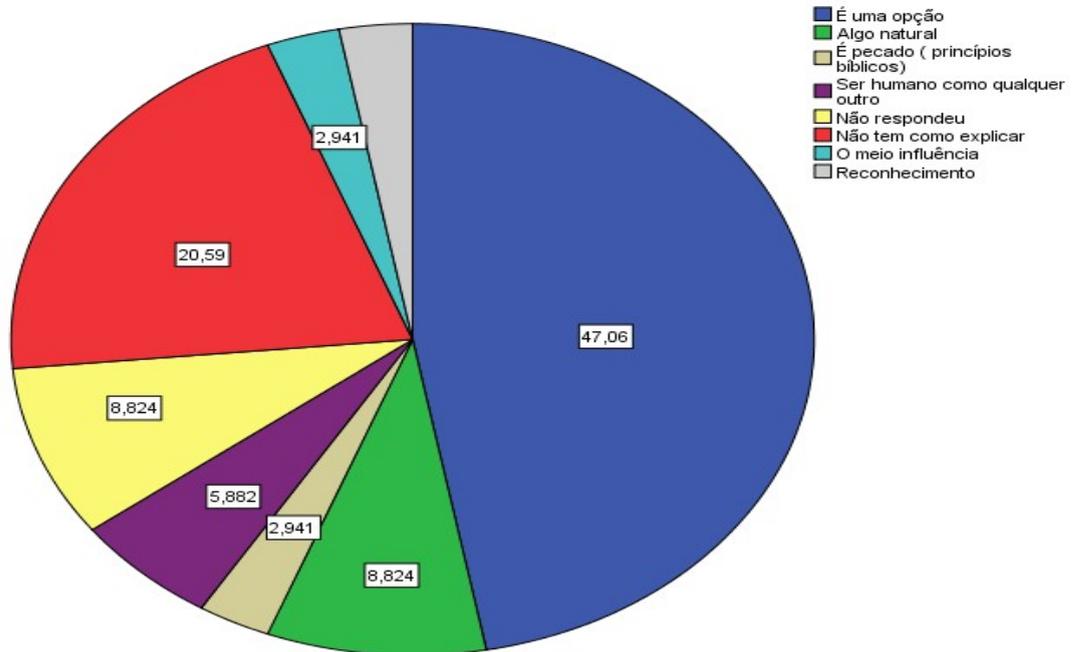
Na década de 1970, na primeira onda do movimento no país, a militância gay utilizava o termo "opção", mas, com um outro significado, usavam para "ressaltar que a homossexualidade era "uma prática que todo mundo faz", uma experiência que poderia ser assumida de forma mais ou menos aberta como uma "transa sexual" legítima por qualquer pessoa" (SIMÕES, 2009, p. 126). Utilizavam também, para se contrapor a "anormalidade" e, ainda segundo Simões, o termo

se ligava à atitude de rejeição das categorias classificatórias tidas como estigmatizadas ("bicha", "veado" e até mesmo "entendido"), no sentido de enfatizar que a "vida social, não sexual" de quem tinha práticas homossexuais, "era igual à de todo mundo" (ibidem)

Porém, no processo de reformulação da Constituição, pela defesa de incluir a não-discriminação da homossexualidade, os militantes da nova onda de homossexuais, junto com intelectuais da época, entraram no acordo pela mudança do termo "opção", pelo de orientação sexual. (SIMÕES, 2009).

Vale ressaltar, conforme o gráfico 2, verificamos que 2,941% dos estudantes de serviço social conceberam a homossexualidade como um pecado, e que em todos os questionários foram mencionados princípios bíblicos ou até mesmo passagens do mesmo para explicarem a opinião expressa. Vejamos o gráfico.

Gráfico 2 - Dentre aqueles que expressaram outra opinião em relação à homossexualidade/homoafetividade



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa

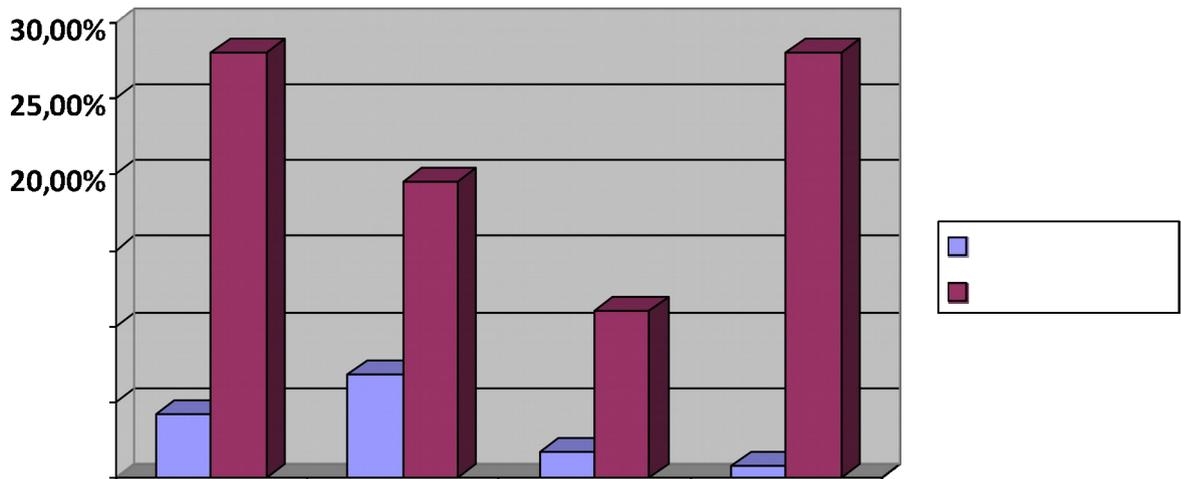
A concepção sobre o pecado da homossexualidade está inserida dentro de algumas religiões, no entendimento e interpretação que elas possuem sobre os escritos bíblicos, para muitas, como o catolicismo e o protestante, o grande problema não está em ser homossexual, mas sim, em praticar a homossexualidade. O pastor Silas Malafaia, um dos grandes porta vozes do neoconservadorismo religioso, semanalmente proclama nos programas de TV, na internet e nos seus cultos, a homossexualidade como pecado. A diversidade religiosa e suas concepções sobre a homossexualidade são diversas, existe também Igrejas, consideradas inclusivas, que estão abrindo suas concepções sobre a homossexualidade, partindo de outras interpretações.

Também perguntamos aos estudantes de Serviço Social da UFCG, se eles concordavam com a adoção por casais homoafetivos e o motivo daquela resposta, verificamos que, 86,44% dos estudantes concordavam com a adoção, mas, 13,56% dos estudantes não concordam com a adoção para homoafetivos. Quase 14% de todos os estudantes de Serviço Social não aprova a adoção, e o que mais impressiona é que quase todos os motivos expressos nas respostas tinham

explicações bíblicas para justificá-las. Percebam, que está inserido nesse contexto, a noção ilusória de que para criar uma criança ou adolescente, é necessário um pai e uma mãe, está contido nessas explicações passagens bíblicas, noções que esses estudantes apreendem diariamente pelas instituições, o seu grupo familiar, pela sociedade, pela sua Igreja, pela tv, pela internet.

Quando delimitamos qual o período que mais saíam essas respostas, podemos perceber que a maioria dos estudantes que não concordam estão localizados no 3º período.

Gráfico 3 - Adoção por casais homossexuais



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa

O motivo relatado pelos estudantes são claramente fontes religiosas, do qual, relaciona a adoção ser possível apenas em casais heterossexuais, onde existe a relação de pai e mãe.

O que fica mais claro e evidente sobre a influência desses posicionamentos conservadores nos estudantes, é quando perguntamos qual seria o posicionamento dos estudantes como assistentes sociais, frente a um parecer social para uma situação de disputa de uma criança por dois casais, um heterossexual e

outro homossexual, com situação igual para adoção, as respostas aos questionários revelam que o casal homossexual teria alguma desvantagem. As posições são claras:

Tabela 2 - Pergunta hipotética em relação a adoção por casais homoafetivos

RESPOSTAS	1º PERÍODO	3º PERÍODO	5º PERÍODO	7º PERÍODO
Sim, porque não concordo de dois homens ou duas mulheres cuidando de uma criança, pode prejudicar sua criação	2,5%	5,1%	0,8%	0,0%
Não, se existe amor, não tem importância como se configura esse casal.	28,0%	17,8%	10,2%	24,6%
Não sei dizer	1,7%	3,4%	0,8%	3,4%
Não respondeu	0,0%	0,0%	0,8%	0,8%
Total	100%			

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa

O Serviço Social contemporâneo tem em sua proposta de formação a construção de um determinado perfil de profissional que enfrenta as expressões da questão social em suas múltiplas facetas no embate entre capital/trabalho, entre elas, que fomentem uma luta e apoio contra todo tipo de preconceito e discriminação. Assim, caracterizando uma das poucas profissões que delimitam em seu projeto profissional o empenho na eliminação do preconceito e incentivo ao respeito à diversidade, portanto, um profissional que por ventura, traga posicionamentos do senso comum ou fundamentalista e que vá de encontro a esses preceitos, estará infringindo eticamente seus preceitos profissionais, e assim,

desrespeitando um dos princípios fundamentais do atual Código de Ética Profissional de 1993, que aponta que o(a) assistente social tenha:

empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças; Esse princípio deve também regular toda atividade do assistente social, afastando, rejeitando e denunciando condutas e atitudes preconceituosas ou discriminatórias, manifestadas em qualquer dimensão profissional, não admitindo juízo preconceituoso, na forma de atitude discriminatória perante, lugares, tradições, culturas, orientação sexual consideradas diferentes ou "estranhas" (BARROCO, 2012, p. 128).

Se assim ocorrer, o/a profissional poderá ser penalizado, que vai da multa, à advertência reservada, advertência pública e até a suspensão do exercício profissional. Essas penalidades vão depender da proporção do ato praticado. E não poderá ser aplicado duas penalidades ao mesmo tempo, sendo que, "somente pode ser aplicada uma nova penalidade na hipótese deste mesmo penalizado vier a sofrer outro processo ético" (BARROCO, 2012, p. 231).

O Serviço Social está inserido em diversas áreas da sociedade, sua atuação é imprescindível para a construção de um trabalho que vise os direitos de setores da sociedade que historicamente e estruturalmente são negligenciados. Uma dessas áreas é o setor sociojurídico, na vara da Infância e Juventude e que podem lidar diretamente no processo de adoção de crianças.

O seu trabalho está ligado, entre outros vários instrumentos de trabalho, ao parecer social, que será abordado toda a vida social/afetiva/econômica dos possíveis adotantes e adotados, a ser encaminhado ao Juiz para que ele possa embasar e definir sobre a guarda da criança ou adolescente que esteja no processo de adoção. Portanto, é imprescindível que o(a) profissional inserido(a) nesse processo consiga compreender o sentido da adoção, que possa ter uma "percepção macro e não microssocial do objeto de intervenção, ou seja, deve implicar uma análise da totalidade para que este não caia em paradigma monolítico que possa restringir a noção de família" (SOARES, 2007, p. 51) que a/o profissional compreenda que família não é apenas aquela nuclear tradicional, formada por pai, mãe e filhos, deve maximizar suas concepções de família, principalmente, porque essa noção tem sido modificada culturalmente e juridicamente no Brasil, enquadrando também como família casais homoafetivos, o que abre precedentes para que esses casais também possam usufruir de todos os direitos que tenham os casais heterossexuais, como a adoção.

Dentro desse entendimento, o/a profissional necessita desmistificar todas as formas conservadoras de análise que perpassam a adoção por casais homoafetivos, isso porque em torno desse tema, existe vários questionamentos sobre a possibilidade real dessa adoção, que vai da possível imbricação de mudanças na sexualidade, até a falta da figura de um dos sexos para o desenvolvimento da criança.

Podemos perceber no Gráfico 3, que o maior índice de negação como profissional em relação a adoção, está no 3º período. Ainda para compararmos, perguntamos se os estudantes aprovavam o casamento homoafetivo, 25% de todos os estudantes disseram não aprovar o casamento e 72,88 disseram que sim. Quando comparamos as turmas, 11% desses que disseram não, são do 3º período. Mesmo, com a diminuição das porcentagens no 7º período do curso, ainda podemos verificar casos de incômodo com a homossexualidade, como veremos a seguir.

Quando perguntamos se enquanto profissionais eles se incomodariam em trabalhar em uma instituição que atende a população LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros), o índice fica preocupante.

Tabela 3 - Pergunta hipotética sobre incômodo de trabalhar em instituição que atendesse a população LGBT

RESPOSTAS	1º PERÍODO	3º PERÍODO	5º PERÍODO	7º PERÍODO
SIM	1,7%	1,7%	0,8%	1,7%
NÃO	28,0%	24,6%	11,9%	25,4%
TALVEZ	0,8%	0,0%	0,0%	0,8%
NÃO RESPONDEU	1,7%	0,0%	0,0%	0,8%
Total	100%			

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa

Notamos que a porcentagem do 1º, 3º e 7º período estão em 1,7% e a do 5º período em 0,8% que se incomodariam em trabalhar em um lugar que atendesse a população LGBT, e não só se incomodariam, mas em diversos relatos, foi exposto que não trabalhariam em lugares que atendessem essa população, ou até mesmo que pediriam demissão.

Alguns dos(as) estudantes pesquisados(as) abordaram questões religiosas para justificar suas posturas. Como podemos verificar no depoimento a seguir: "Em partes sim, estaria indo contra os meus princípios religiosos" Ou, nessa outra resposta: "Sim, eu pediria demissão, não ficaria num emprego que fosse contra meus princípios". Ainda 0,8% disseram que talvez se incomodariam, assim, podemos compreender que, mesmo com o passar do processo formativo, alguns desses estudantes chegam no 7º período ainda com pensamentos que vão de encontro com o atual Código de Ética Profissional.

É de extrema preocupação que encontremos estudantes de Serviço Social indo contra os princípios básicos do código de ética da profissão, pessoas que logo estarão atendendo a população na viabilização de seus direitos, sendo que, dentro dessa população estará certamente segmentos da comunidade LGBT e são esses profissionais que irão fazer o papel contrário a sua profissão, na não viabilização de direitos a esses sujeitos já negligenciados socialmente.

O Serviço Social tem assegurado, segundo algumas resoluções avanços significativos para a profissão, sendo uma das poucas profissões, que na sua resolução nº 615/2011, assegura as pessoas trans que são Assistentes Sociais o uso do nome social, sendo inserido na carteira de identidade profissional, e permitindo utilizar do nome social em todos os documentos profissionais do cotidiano profissional. Como reflexão dessa resolução tem sido feito também uma campanha com distribuição de cartazes com o tema "Nem rótulos, nem preconceito. Quero respeito", para dá mais materialidade a essa resolução.

Existem outras resoluções, como de nº 489/2006, que veta qualquer tipo de discriminação dentro do exercício profissional, vedado a esse profissional contribuir de alguma forma para práticas preconceituosas, sendo seu dever denunciar qualquer ato que tenha como princípio a intolerância, de qualquer ordem, como também a de orientação sexual.

O conjunto CFESS/CRESS, tem despertado na luta e o combate a LGBTFOBIA, temos por exemplo a campanha "o amor fala todas as línguas: assistente social na luta contra o preconceito", que foi lançada no 34º Encontro Nacional CFESS/CRESS em 2006, sinalizando um grande avanço ético-político para a categoria profissional.

Os maiores índices negativos encontrados nessa pesquisa estão nos estudantes do 3º período. Para análise, podemos compreender que os estudantes do 1º período, entram no curso ainda com uma visão mágica de um profissional, no decorrer de seu processo, eles percebem que podem se posicionar diante das situações, como verificamos, com os estudantes do 3º período. Podemos também entender que a não aproximação com o Código de Ética profissional, seja um dos fatores que incidem nesses números. Isso porque, está sendo feito um trabalho no 1º período, junto com os professores para aproximação com o Código de Ética Profissional¹¹, aproximação esta que até então só é realizada no 5º período do curso. Não queremos aqui afirmar uma concepção ética legalista e formal, mas consideramos preocupante que a porcentagem de quem já leu o código de ética profissional do 1º período é a mesma do 7º período, de 28%, comparando com o 3º período de apenas 6,8%.

Dessa forma, podemos afirmar, como outra dimensão do neoconservadorismo no Serviço Social, que o fundamentalismo religioso reaparece fortemente na contemporaneidade. Isso porque o conservadorismo empregado pela religião perpassa não só a gênese da profissão, mas pode-se verificar em todo desenvolvimento e formação ainda nos dias atuais. Os valores fundamentalistas que a religião postula vão de encontro com valores empregados pelo projeto profissional da profissão na atualidade.

As bandeiras levantadas por esses setores da sociedade, incorporados pelos seus adeptos, é uma constante batalha a ser enfrentada pelos movimentos sociais, cuja luta, vai de frente aos ideários mais conservadores dessa sociedade e dos fundamentalistas religiosos.

Segundo Pinheiro (2012, p. 08) esse caráter religioso

¹¹ Deixando claro que não se está desconsiderando que chegar no debate da ética profissional pressupõe necessariamente que os estudantes já tenham se apropriado de outros conteúdos anteriores. A questão é que seria importante que discussões como o respeito à diversidade humana e enfrentamento a todas as formas de preconceito perpassassem outras disciplinas, inclusive anteriores a de Ética.

Aparece como um catalisador do tradicional metamorfoseado, ganhando força com o crescimento das igrejas evangélicas neopentecostais e, dentro da igreja católica, com o movimento de renovação carismática, setores que visam dá esse viés ortodoxo no âmbito dos estigmas socialmente construídos, utilizando de novas linguagens e estratégias, por meio da publicidade, da mídia, dos produtos culturais mais diversos e da participação política e intervenção nas leis estatais

Os(as) estudantes do curso de Serviço Social, ao incorporarem essas influências, conseqüentemente, acabam por encontrar inúmeras dificuldades no processo de formação profissional, tendo em vista toda sua análise da realidade ser profundamente afetada.

2.3 Por um Serviço Social Crítico: questões, dilemas e desafios

Diante da pesquisa que realizamos, podemos visualizar grandes desafios, dilemas e questões, que o Serviço Social tem enfrentado na contemporaneidade. O dilema central desse nosso trabalho, está nas implicações que certas formas ideológicas de pensamento podem provocar para o desempenho do(a) estudante de Serviço Social no âmbito do exercício profissional. Afinal, essa aproximação com pensamentos fundamentalmente conservadores e fundamentalistas, vindos de estudantes da categoria, expressa a negação do projeto ético-político profissional. Segundo Pinheiro (2012, p.05)

Esse processo se define como algo perene e com um caráter absolutamente desafiador, sobretudo, com a percepção inequívoca da trajetória histórica da profissão e das questões da conjuntura atual, que revelam o fôlego desse pensamento que chamamos de conservador, recheado de significados estreitos à intolerância, ao machismo, à homofobia, ao racismo, entre outros 'desvalores' que entram em choque com a perspectiva atual da profissão.

Os valores pessoais espalhados em uma sociedade capitalista, individualista, que prega o "vazio ideológico" e de uma direta influência religiosa, da qual, perpassa todo o processo histórico da construção do Serviço Social no Brasil, tem rebatimentos diretos com o tratar do profissional com questões que lidam na particularidade com o cotidiano de exploração-dominação da classe trabalhadora. Por isso, vários questionamentos/desafios surgem desses dados tanto para a profissão como para o processo de formação dos(as) estudantes.

Primeiro por que, nos questionamos qual tipo de profissional é esse que vai sair dessa formação para o mercado de trabalho? Quais são os seus valores? De que forma, ele vai trabalhar para viabilizar os direitos sociais dessa comunidade discriminada? Isso porque, pode-se inferir, que diante de valores intrinsecamente conservadores e fundamentalistas, não está conectada com a profissão ou com o projeto profissional que defendemos

Devemos pensar como a categoria profissional está trabalhando no sentido de orientar esses sujeitos, e por isso, deve ampliar essa preocupação com esse montante de profissionais que a cada ano aumenta consideravelmente. A categoria deve reforçar a parte da ética, direitos humanos, diversidade sexual e gênero. Apesar das inúmeras ações existentes do CFESS, a exemplo do curso de capacitação chamado Ética em movimento, que já está na sua 12ª edição, com o objetivo de disseminar os valores humanos e emancipatórios e para o fortalecimento do projeto ético-político profissional. Porém, é preciso que o curso se amplie, que esse debate consiga chegar onde efetivamente está o(a) Assistente Social, no seu espaço sócio-ocupacional, isso para tentar amenizar as lacunas que se encontram no processo de formação.

É preciso ainda, que as campanhas do conjunto CFESS/CRESS, como por exemplo do "Amor fala todas as línguas: assistente social na luta contra o preconceito" volte com força maximizada e que consiga também chegar nos espaços sócio-ocupacionais dos(as) Assistentes Sociais. Esses profissionais, devem ampliar o processo de capacitação conectada com o conjunto da categoria, que por sinal, o aprimoramento profissional está nos princípios fundamentais do atual Código de Ética, e que Barroco nos coloca que

a realização da ética profissional não depende somente de uma "boa" intenção dos profissionais; demanda um investimento em diferentes níveis de capacitação e de organização da categoria profissional; responsabilidade dos profissionais enquanto sujeitos participantes do processo de fortalecimento da profissão e da ética profissional e do conjunto das entidades de representação, incluindo profissionais e estudantes (ABEPSS -CFESS/CRESS/Enesso) (2012, p. 76)

Evidente que esse processo de capacitação deve ser começado desde o processo de formação na Universidade, com uma formação de qualidade, crítica, emancipatória, voltada para os direitos humanos. É dentro da Universidade que o(a) estudante encontra os embates ideológicos, isso porque, ele chega na formação,

com todo aparato do senso comum e ideológico construído na sua vida cotidiana. Obviamente, ao se deparar com um processo de formação que vai mexê-lo do conformismo e florescer todos os seus preconceitos, esse estudante vai encontrar profundas inquietações e que devem ser problematizadas.

Levando em consideração a importância dessa temática dentro da formação profissional, é preciso que o debate sobre a diversidade sexual esteja no conteúdo obrigatório do curso de Serviço Social, sendo que, em sua maioria, pode ser vista apenas em cadeiras optativas. É por isso, que não dá mais para deixarmos temas como a diversidade sexual, como também o de gênero e raça/etnia em segundo plano no processo de formação dos(as) estudantes. Afinal, é essa profissão que estará diretamente trabalhando nos espaços que atenderá segmentos socialmente discriminados, como por exemplo, a comunidade LGBT.

Estando em segundo plano, a participação efetiva dos(as) estudantes dentro desse debate é bastante fragmentada, isso também pela perspectiva dos(as) próprios estudantes de considerar essa temática secundária. Chegamos ao ponto de ouvir de estudantes do curso de Serviço Social, que não iria para um encontro de Diversidade Sexual, por considerar outro evento que iria acontecer no mesmo período, mais importante para sua formação. Por isso é preciso também que o movimento estudantil dentro do Campus, esteja fomentando debates em relação a gênero, a orientação sexual, a transexualidade, levar efetivamente o debate para dentro do processo de formação profissional desses estudantes, como também a articulação com os movimentos sociais locais.

Os desafios são enormes diante das análises que constatamos. O Serviço Social é uma profissão que deve está conectada com os segmentos sociais/movimentos sociais, são esses profissionais na sua atuação que devem articular com esses sujeitos. Portanto, quando esse

[...] indivíduo não permite a si mesmo essa abertura para novas alternativas, quando se coloca rigidamente diante de sua moral, tratada como algo imutável e absoluto, certamente entrará em conflito diante de situações em que se depara com valores e comportamentos diversos do seu. (BARROCO, 2012, p. 78)

Essa diversidade nem sempre é entendida e compreendida pelos profissionais, porém "não precisa concordar com a escolha dos demais para

respeitá-las: trata-se de uma questão da consciência ética vinculada à liberdade e a equidade" (abidem)

Portanto, os princípios éticos profissionais devem prevalecer em cima de qualquer outra forma de pensamento. O(a) Assistente Social pode se deparar "em seu trabalho com diferentes formas de desrespeito aos direitos humanos, podendo colocar conflitos ético-morais aos profissionais se a prescrição ética do Código não for entendida corretamente" (BARROCO, 2012, p. 87)

Estamos falando, de uma atuação que não existe neutralidade, não dá para separar o que o profissional pensa ideologicamente na sua vida cotidiana de sua atuação profissional, ou seja, não existe uma tomada de on/off para separar esses duas formas de pensamento. Porém, é preciso que o profissional mantenha sua postura ética, respeitando as diversidades. Vale destacar, que "as interações sociais estabelecidas entre os profissionais e os sujeitos de direitos são dotados de elementos objetivos e subjetivos. Assim sendo, não é possível se estabelecer uma atuação profissional neutra. (SILVA; OLIVEIRA; SANTOS, 2013, p. 10)

Claro, que sua atuação deve ser igual diante de qualquer sujeito, independentemente de sua orientação sexual, e, por isso, "é preciso dizer que não se defende a ideia de que os sujeitos LGBTs devem ser acolhidos de modo especial por divergirem da heterossexualidade," (FERREIRA, 2011, p. 72). Porém, "é preciso, portanto, superar o que se pode chamar de intolerância com a diversidade sexual, buscando, sim, um olhar sensível para essas questões (ibidem) Devendo obviamente prevalecer, uma atuação profissional que tenham como basilares uma postura ética e que prevaleça os valores do projeto ético-político.

Sabemos que constitui competência do(a) Assistente Social, prescrito na Lei de regulamentação da profissão a assessoria aos movimentos sociais, "em matéria relacionada às políticas sociais, no exercício e na defesa dos direitos civis, políticos e sociais da coletividade" (BRASIL, 1993), portanto, sendo mais um espaço de viabilização de direitos para esses sujeitos.

O movimento LGBT se caracteriza por ser um movimento segmentado, isso obviamente por ser construído por diversos sujeitos: lésbicas, gays e transgêneros que compõem um universo diverso de opressão, de vivência e de organização. A construção desses sujeitos coletivos para efetivação de seus direitos, perpassava por sua força de mobilização. O exemplo da criminalização da

homofobia, passa pela força de organização e de construção desses sujeitos, e portanto, está um pouco mais longe da competência do próprio profissional do Serviço Social, mas que deve ser o seu dever prestar apoio e assessoria ao combate a todo tipo de preconceito.

Desse modo, é necessário que o profissional construa um arcabouço teórico crítico, voltado para a emancipação dos sujeitos, visando seus direitos e que segundo Ferreira (2011, p. 6) seja

[...] capaz de ler a realidade sob os aspectos dessas desigualdades, opressões e violências, rompendo com uma linha empírica conservadora e de orientação liberal-burguesa tão amplamente aclamada pelos meios de comunicação quando tratam do assunto, numa perspectiva alienadora que mascara as discriminações.

Vivenciamos uma sociedade capitalista que tem em suas bases a exploração e os valores que reproduzem as diversas opressões, e que acabam se materializando no nível estrutural, cultural e social, rebatendo diretamente em sujeitos historicamente discriminados, como os homossexuais, mulheres e negros (PINHEIRO, 2012)

Ter uma análise conservadora da sociedade não é um papel tão difícil, afinal, estamos vivenciando mais do que nunca, uma sociedade que prega o individualismo, o "vazio ideológico", a mercantilização da vida cotidiana, o florescer significativo do fundamentalismo religioso e etc.

No Brasil, estamos diante de um congresso Nacional mais conservador das últimas décadas, comparado apenas ao período da ditadura militar, temos o aumento de segmentos conservadores religiosos - sendo que seus deputados foram dos mais votados do Brasil - como também dos ruralistas e militares. Na câmara dos deputados, o atual e recente presidente Eduardo Cunha (PMDB-RJ), é nacionalmente conhecido por seus ataques a temas que perpassam a diversidade sexual, o deputado já disse em uma entrevista recente, que "temas polêmicos como o casamento gay e o aborto terão de seguir os ritos para serem analisados" (ARAÚJO, 2015, s/p) e que a criminalização da homofobia já existia, projetos como a criminalização da heterofobia e a proibição de adoção por casais homoafetivos, foi desarquivado já nos primeiros dias do atual deputado na Câmara. Sua vitória obviamente foi festejada pela bancada evangélica no congresso, já que o presidente da câmara, tem a tarefa de escolher quais as pautas a serem debatidas e votadas.

Por isso, segundo Montañó

a situação atual desafia a profissão a enfrentar estas inflexões e construir respostas coletivamente. Claro que as possibilidades de concretização destes desafios profissionais não são alheias às tendências sociais e às correlações de forças existentes. (2006, p. 147)

Desse modo, um olhar crítico para as contradições, opressões e desigualdades é imprescindível para um processo de formação profissional de qualidade, e que consiga visualizar esses dilemas e materializar seu projeto ético. Partindo da compreensão do Montañó, o conceito de crítica tem dois significados, um relacionado à:

[...] como a busca da verdade, confrontando a teoria com a *realidade* (com a prática social). Neste caso, o objetivo da crítica é a fiel reprodução teórica da realidade; a verdade, que existe na realidade material, deve ser corretamente refletida na teoria. (2006, p. 145)

Outro significado da crítica "remete à ação de julgar desfavoravelmente, censurar ou rechaçar algo" e por isso, "quando se rechaça algo, critica-se a partir de um juízo de valor" (ibidem). Nesse sentido, ainda segundo Montañó

A reflexão crítica do Serviço Social (ou a busca de um Serviço Social crítico) sustenta-se nas teorias críticas (aquelas que buscam a verdade a partir do reflexo teórico apropriado da realidade) sobre a estrutura e as dinâmicas sociais. É contra esta reflexão (crítica) que se desenvolve uma crítica, com sentido de rechaço, censura, juízo de valor. (ibidem)

Desse modo, o projeto ético - político do Serviço Social é uma construção que está em desenvolvimento e ainda se processa na contemporaneidade, é um grande desafio visualizarmos sua materialidade no cotidiano profissional. Por isso, é extremamente necessário que os valores desse projeto esteja introjetado nos(as) sujeitos profissionais, valores como: liberdade, equidade, democracia, direitos humanos, emancipação humana, cidadania, tolerância e igualdade. Dessa maneira, "torna-se assim necessária a clara caracterização e construção de um *projeto profissional crítico e progressista* a partir de "tendências histórico-críticas" (MONTAÑO, 2006, p. 144)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos em tempos difíceis - e não é a toa - que o debate em tela se faz cada dia mais presente no nosso cotidiano, por isso, refletir sobre a formação de futuros(as) Assistentes Sociais foi um processo árduo e de profunda aprendizagem.

Dessa forma, consideramos imprescindível aprofundar esse debate que perpassa a influência do pensamento neoconservador no Serviço Social e os seus rebatimentos no processo de formação profissional. Afinal, as formas opressoras e ideológicas que estão presentes na sociedade capitalista e no cotidiano, acabam reproduzindo os preconceitos e isso reflete em posturas fundamentalistas e de intolerância aos sujeitos socialmente discriminados.

Temos que levar em consideração a importância dessa temática dentro da formação, assim como percebendo que o Serviço Social, hoje se mostra como categoria profissional contrária aos valores conservadores.

Constatamos - claramente - valores ligados ao fundamentalismo religioso entre os estudantes do curso, afinal, apontar que a homoafetividade deveria ser eliminado, apontar questões religiosas para ser contra a adoção e ao casamento e negar-se a trabalhar com esses sujeitos, é sim, uma atitude fundamentalista e conservadora.

Portanto, é sobre o solo do neoconservadorismo que o processo de formação se fomenta nos dias atuais. Isso obviamente é reflexo de uma sociedade capitalista, machista, alienante e ideologicamente opressora. A formação religiosa da maioria das famílias brasileiras indiretamente e diretamente contribui para o aumento do preconceito em questões que perpassam a diversidade sexual. Os papéis de gênero que formam os indivíduos, designando o que é ser homem e o que é ser mulher, é reproduzido em todas as instituições, como a família, a Igreja, a escola, a universidade. Esses sujeitos acabam generalizando, naturalizando e internalizando os preconceitos que lhe foi perpetuado nessas instituições, e obviamente, rebate diretamente em questões como a adoção por casais homoafetivos, o casamento, a criminalização da homofobia, as relações de afeto entre pessoas do mesmo sexo e outros. Nesse sentido, é preciso que a sociedade como um todo reflita nesse debate, e conseqüentemente aconteça, o aprofundamento dessa temática no processo de formação profissional.

Vivenciamos na contemporaneidade o crescimento desenfreado do neoconservadorismo, em espaços como a política, a mídia e a publicidade. E isso se apresenta de várias formas no processo de formação, a Josiane Santos, aponta para a chegada da suposta pós-modernidade, mas pode ser visualizada também com a ainda não ruptura com preceitos tão conservadores como os aspectos fundamentalistas religiosos, a fenomenologia e o positivismo ainda presente na formação profissional. Isso porque, os valores conservadores e fundamentalistas estão alastrados em todos os espaços da vida humana, e o processo de formação e a profissão do Serviço Social, não poderia está de fora dessa interseção.

Por isso, os índices encontrados nessa pesquisa, ainda que as formas negativas estejam em menor quantidade, representam uma postura fundamentalista

presente entre os(as) estudantes do curso de Serviço Social, e mesmo formando em menor proporção, esses resultados jamais poderiam ser negados. Isso porque reflete apenas a realidade de uma universidade. Contando com o número de universidades, centros e faculdades que, ao longo dos últimos anos, vem se ampliando pelo país, ficamos a imaginar a quantidade de profissionais que irão sair para o mercado de trabalho com posturas de intolerância e fundamentalismo. É, sim, preocupante.

Os desafios e reflexões não se limitam na apresentação desse trabalho, é preciso que a formação profissional entre em um debate aberto nessas questões sobre a diversidade sexual humana. Nesse sentido, nossos apontamentos são de suma importância para pensarmos o perfil de profissional do Serviço Social que queremos construir.

E que perfil seria esse? A resposta está no projeto ético-político profissional que se apresenta com uma direção social bem determinada, que aponta um caminho a ser seguido, pautados na emancipação humana, nos direitos humanos, na liberdade como valor ético central, a favor da equidade e justiça social, no empenho na eliminação a todas as formas de preconceito e na garantia do pluralismo. Que esse profissional tenha um conhecimento profundo sobre as expressões da questão social, sendo capaz de intervir, dialogar e propor sobre a realidade desses sujeitos.

Portanto, a sociedade imprime ao profissional do Serviço Social a tarefa de compreender em todos os seus aspectos, as diferentes formas de sociabilidade e de vivência dos indivíduos, seja de ordem familiar, social, cultural, política, econômica, etc. Nesse sentido, o Serviço Social necessita de profissionais capacitados, que consigam compor uma postura ética e centralizada no seu projeto ético-político profissional.

REFERÊNCIAS

ÁLVARO, M. C. **Ser, desejar e sentir “diferente”:** mais que um direito, uma condição humana. Coletivo de Diversidade Sexual da Consulta Popular. I Encontro Nacional de Diversidade Sexual da Consulta Popular! II Caderno de Debates. Outono de 2012

_____. **Feminismo, luta de classes e consciência militante feminista no Brasil.** 409 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Faculdade de Serviço Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

_____, **Serviço Social:** uma profissão de mulheres para mulheres?: uma análise crítica da categoria gênero na histórica "feminização" da profissão. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Recife (PE). 2004.

_____, **Uma reflexão sobre o papel da mulher na construção do Serviço Social.** Seminário Política Social e Formação Profissional. 1 a 4 de outubro de

2013. Belo Horizonte. Centro Universitário UNA em parceria com o CRESS-MG. Disponível em: <http://www.cress-mg.org.br/Conteudo/97e8567f-2df8-421e-ac89-ddcaf1743e71/Reflex%C3%B5es-sobre-mulher-e-Servi%C3%A7o-Social-fecham-evento-em-BH>. Acessado em: 22 de Janeiro de 2015.

ALVES, E. F.; TSUNETO, L. T. **A orientação homossexual e as investigações acerca da existência de componentes biológicos e genéticos determinantes**. Scire Salutis, Aquidabã, v.3, n.1, Out, Nov, Dez 2012, Jan, Fev, Mar 2013. ISSN

2236-9600.

ARAUJO, T. de. **Eduardo Cunha diz que "homofobia já é criminalizada" e diz que pautas progressistas terão de seguir rito da Câmara**. Brasil Post. Publicado em 03 de fevereiro de 2015. Disponível em: http://www.brasilpost.com.br/2015/02/03/eduardo-cunhahomofobia_n_6603948.html. Acessado em: 5 de fevereiro de 2015.

BARROCO, M. L. S.; TERRA, S. H. **Código de ética do/a Assistente Social comentado**. Conselho Federal de Serviço Social - CFESS (org.). 1ª edição. São Paulo. Cortez. 2012.

BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte. Autêntica editora, 2010.

BORTOLINI, A. **Violência e Sexualidade: Gênero e Homofobia na Escola**. Publicado no Seminário Sociedade, escola e violência. Publicado em 06 de junho de 2009.

BRASIL. Lei nº 8.662, de 7 de junho de 1993. **Dispõe sobre a profissão de Assistente Social e dá outras providências**.

CERGUEIRA, M. **Orientação sexual e homossexualidade**. Texto original em inglês: S.J. Blommer, PFLAG/Denever American Psychological Association. 2013.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL - CFESS. **Seminário nacional: 30 anos do Congresso da Virada / Conselho Federal de Serviço Social**. – Brasília : CFESS, 2012.

_____, Resolução nº 615. **Dispõe sobre a inclusão e uso do nome social da assistente social travesti e do(a) assistente social transexual nos documentos de identidade profissional**. 8 de Setembro de 2011.

_____, Resolução nº 489. **Estabelece normas vedando condutas discriminatórias ou preconceituosas, por orientação e expressão sexual por pessoas do mesmo sexo, no exercício profissional do assistente social, regulamentando princípio inscrito no Código de Ética Profissional**. 03 de Junho de 2006.

CRAVEIRO, A. V.; MACHADO, J. G. do V. C. **A predominância do sexo feminino na profissão do Serviço Social: uma discussão em torno desta questão**. Anais II

Simpósio Gênero e Políticas Públicas ISSN2177-8248. Universidade Estadual de Londrina, 18 e 19 de agosto de 2011. GT7- Gênero e Trabalho – Coordenação: Cássia Maria Carloto

FARIAS, P. M. B. **Ética e Serviço Social**: Reflexões sobre a vivência profissional faculdade de administração e negócios de Sergipe - Fanese - Aracaju - Sergipe. Revista Eletrônica da Fanese - Vol 1. Nº 1. Dezembro 2012.

FERREIRA, G. G. **Diversidade sexual e Serviço Social**: elementos de uma prática profissional para o enfrentamento à violência contra LGBT. Trabalho de conclusão de curso. Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul. Faculdade Serviço Social. 2011.

FONTENELLE, S. **Educação e Transexualidade**: os desafios da diversidade humana. Revista Vírus. 14 de Março de 2014. Disponível em: <http://www.virusplanetario.net/transexualidade-desafiodiversidade/#ixzz2w4J87KWF>. Acessado em 23 de Janeiro de 2015.

GODOY, M. M.; COUTO, E. L. **O Congresso da virada de 1979 e o projeto ético político profissional**. V encontro de iniciação científica, IV Enc. de Extensão Universitária e I Enc. de Iniciação Científica p/ o ensino médio. Vol. 5. No 5, 2009. .

GREEN, J. N. **A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina**. Texto originalmente retirado de: Cad. AEL, v.10, n.18/19, 2003: pp. 17-39. Coletivo Nacional de Diversidade Sexual da Consulta Popular. I caderno de debates. Março de 2012.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Assassinato de homossexuais (LGBT) no Brasil: Relatório 2013/2014**.

IAMAMOTO, M. V. **O Serviço Social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. 9ª edição. São Paulo: Cortez, 2005.

IASI, M. **Processo de Consciência**. São Paulo: CPV, 1999.

JESUS, B. de. **Diversidade sexual na escola**: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens. Ed. Especial, revista e ampliada. – São Paulo: ECOS – Comunicação em Sexualidade, 2008.

JUNQUEIRA, R. D. **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LESSA, S. **Serviço Social e Trabalho**: do que se trata?. Publicado na Revista Temporalis, v.1, n.1, pp. 35-58, Brasília, 2000.

MARCELINO, S. R. de S. **Mulher negra lésbica**: a fala rompeu o seu contrato e não cabe mais espaço para o silêncio. Sandra Regina de Souza Marcelino; orientadora: Denise Pini Rosalem da Fonseca ; co-orientador: Guilherme Almeida. – 2011.

MARX, K. **A questão Judaica**. Escritos redigidos em 1843. Tradutor: Artur Morão. Lusosofia. net.

_____, **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus; supervisão e notas Marcelo Backes- 2.ed. revista. São Paulo. Boitempo, 2010.

MONTANÕ, C. **Um projeto para o Serviço Social crítico**. Documento original apresentado no Fórum de Debate *La profesionalización del Trabajo Social en el siglo XXI: rupturas y continuidades – de la Reconceptualización al proyecto Ético- Político*, no marco do *Encuentro Latinoamericano de Trabajo Social*. Universidad Nacional de La Plata, Argentina, 25 a 27 de agosto de 2005.

MOTA, A. E.; Amaral, Â. **Profissão: projeto profissional e projeto societário**. Inscrita. CFESS. Brasília, n. 12, 2009.

Movimento Espírito Lilás - MEL. **Relatório Assassinatos LGBT no estado da Paraíba 2013/2014**.

NETTO, J. P. **Ditadura e serviço social**: uma análise do serviço social no Brasil pós-64/José Paulo Netto -16.ed. - São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **A construção do projeto ético-político contemporâneo**. In:

Capacitação em Serviço Social e Política Social. Módulo 1. Brasília: CEAD/ABEPSS/CFESS, 1999.

_____. **Das ameaças à crise**. Conselho Federal de serviço social. Ano VII. nº x. Nov. 2007.

_____. **Capitalismo e barbárie contemporânea**. Argumentum, Vitória (ES), v. 4, n.1, p. 202-222, jan./jun. 2012

NETTO. J.P; CARVALHO, M. C. B. de. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. 10.ed. São Paulo: cortez, 2012.

OLIVEIRA, T. L.; MOURA, K. Q. **O projeto ético-político do serviço social**: materialização, concretização e viabilização. XX Seminário Latinoamericano de Escuela de trabajo social. Córdoba, Argentina. 24 al 27 de septiembre de 2012.

PALHA, A. **LGBT e esquerda**. Vídeo postado no canal das bee. 20 de Janeiro de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uTs1JPQEkSg>. Acessado em: 22 de Janeiro de 2015.

PANASIEWICZ, R. **Fundamentalismo religioso**: história e presença no cristianismo. In. ALBUQUERQUE, Eduardo BastoS (Org.) Anais do X Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões – “Migrações e Imigrações das Religiões”. Assis: ABHR, 2008.

PINHEIRO, P. W. M. **Serviço social e neoconservadorismo religioso**: a percepção dos/as estudantes e os desafios para o projeto ético-político/ Paulo Wesley Maia Pinheiro. — 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2013.

PINHEIRO, P. W. M; COSTA, R. G. de. **Homofobia e o desafio do Serviço Social na Contemporaneidade: o embate entre a defesa Ético - Política e o avanço neoconservador nos espaços de formação profissional**. VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade sexual e de gênero da Abekh. 2012.

SANTOS, S. M. M. d. MESQUITA, M; RAMOS, S. R. **Contribuições à crítica do preconceito no debate do Serviço Social**. Texto originalmente publicado na revista Presença Ética. Ano I, Nº 1, Recife: Unipress, 2001

SANTOS, S. M. M. d. **O Pensamento da Esquerda e a Política de Identidade: as particularidades da luta pela liberdade de Orientação Sexual**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Brasil. Ano de obtenção: 2005.

SANTOS, J. F. **O que é pós moderno**. São Paulo: brasiliense. 10º edição. 1991

SANTOS, J. S. **Neoconservadorismo pós-moderno e serviço social brasileiro**. – São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção questões de nossa época; v. 132)

_____. **Pós-modernidade, neoconservadorismo e serviço social**. In: Temporalis. Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social – ABEPSS / Modernidade e pós-modernidade. Ano V. , n. 10, jul. /2005. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

SANCHES, M. **Prefeitura de São Paulo parará salário mínimo para travestis estudarem**. 09 de Janeiro de 2015. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/prefeitura-de-sao-paulo-pagara-salario-minimo-para-travestis-estudarem-15002868>. Acessado em 24 de Janeiro de 2015.

SILVA; F. C. da; OLIVEIRA, L. C. D; SANTOS, V. N. S. **Apontamentos sobre a influência religiosa na escolha da profissão**. III Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais. CRESS - 6ª região. Belo horizonte. 7 até 9 de junho de 2013.

SILVA, M. das G. M. F. da. **Marxismo, Pluralismo e Formação profissional do Assistente Social**. Teor. Pol. e Soc. v.1, n.1, p.145-150, dez. 2008.

SIMÕES, J. A.. **Do Movimento homossexual ao LGBT**. Júlio Assis Simões/ Regina Facchini. São Paulo. Ed. Fundação Perseu Abrano. Coleção história do povo brasileiro. 2009.

SIMÕES NETO, J. P. **Assistentes sociais e religião: um estudo Brasil/Inglaterra**. São Paulo: Cortez, 2005.

SOARES, R. P. **O assistente social e a adoção por (casais) homossexuais: entre o direito e o preconceito**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade de Brasília. 2007.

SOUSA, E. **Não te dou o direito, quando me negas o direito**. Texto inicialmente publicado no site passapalavra.info, em 22 de fevereiro de 2013. Coletivo Nacional de Diversidade Sexual da Consulta Popular. III caderno de debates. Abriu de 2014.

STEFANO, G. **Os pentecostais, os Neo-pentecostais, os carismáticos**. 2009. Disponível:<http://solascripturatt.org/Seitas/Pentecostalismo/PentecostaisNeoPCarismaticos-GilbertoStefano.htm>. Acessado em: 20 de Janeiro de 2015.

TEXEIRA, J. B.; BRAZ, M. **O projeto ético-político do serviço social**. Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. Brasília, CEFESS/ABEPSS, 2009.

TEIXEIRA, F. J. S. **Direitos e garantias fundamentais do indivíduo na Carta de 1988**: uma leitura à luz da crítica de Marx dos direitos humanos. Revista Espaço Acadêmico. nº 113. Mensal - Ano x - ISSN 1519-6186. Outubro de 2010.

TONET, I. **Pluralismo metodológico: falso caminho**. TONET, Ivo. **O Pluralismo Metodológico: um falso caminho**. In Serviço Social e Sociedade. ABEPSS, editora Cortez, 2004

_____. **Expressões socioculturais da crise capitalista na atualidade**. In: Serviço Social : direitos sociais e competências profissionais. Brasília, 2009. (Publicação do Conselho Federal de Serviço Social – CFESS e Associação Brasileira de ensino e Pesquisa em Serviço Social – ABEPS. V. 1)

TOITIO, R. D.. **MOVIMENTO LGBT E GOVERNOS DO PT: elementos para uma análise de conjuntura**. Coletivo de Diversidade Sexual da Consulta Popular. III Caderno de debates. Abril de 2014.

VACCHIATTI, P. R. I. **Entenda a PLC122/06**. Disponível em: <http://www.plc122.com.br/entenda-plc122/#axzz3NlqqGiLp>. 2010. Acessado em: 11 de Dezembro de 2014.

VELOSO, R. **FUNDAMENTOS III - Projeto ético-político profissional**. Disponível: <http://renato-veloso.blogspot.com.br/2011/11/projeto-etico-politico-profissional.html>. Acessado em: 10 de Dezembro de 2014.

APÊNCIDE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO

Esta pesquisa é parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), desenvolvida por mim, Flávia Maria Vieira da Silva, aluna do curso de Serviço Social na Universidade Federal de Campina Grande - (UFCG), localizada no Município de Sousa, estando eu inscrita sob a matrícula nº 311130099, e tendo como orientadora deste trabalho a professora Maria Clariça Ribeiro Guimarães. Trago como tema deste TCC: “Neoconservadorismo no Serviço Social e a LGBTFOBIA: visões e distorções dos estudantes da Universidade Federal de Campina Grande -Sousa, PB”. Essa pesquisa é de cunho acadêmico e tem por objetivo refletir acerca do processo de formação profissional. Sua participação nessa pesquisa implica em responder as questões trazidas por mim, através de um questionário, que possibilitem responder as indagações levantadas sobre sua opinião a questões

sobre a diversidade sexual. Ressalto que todas as informações coletadas nesse questionário serão tratadas de forma ética e responsável, será preservada sua identidade Sr (a) _____, sendo que o (a) Sr (a) poderá solicitar o desvinculamento da pesquisa, bem como informações durante todas as fases do projeto, ao assinar este termo, está ciente que autoriza a reprodução dos resultados. Você está autorizando a utilização das informações prestadas na entrevista e uma possível publicação do trabalho. Informa ainda, que foi informada sobre a pesquisa referida e que compreende seus objetivos, bem como que o formulário foi assinado voluntariamente indicando seu consentimento. Em caso de qualquer dúvida é só entrar em contato comigo, Flávia Maria Vieira da Silva, através do telefone: (83) 96387490 ou através do e-mail:flaviamaria.vs@gmail.com.

Sousa _____ de _____ de 2014

Assinatura do estudante

Pesquisadora: Flávia Maria V^a da Silva

APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES

QUESTIONÁRIO SEMI - ESTRUTURADO

1. Qual sua idade?

() 15 - 25

() 25 - 35

() 35 - 45

() 45 - 55 ou mais

2. Qual seu sexo?

Masculino

Feminino

Não sabe/Não sei informar

3. Qual seu estado civil?

Casado(a)

Solteiro(a)

Viúvo(a)

Tenho um companheiro(a)

4. Qual sua orientação sexual?

Homossexual

Heterossexual

Bissexual

Transgênero

Não sei/ Não sabe

5. Qual sua religião?

Cristão/Católico

Protestantismo

Religiões afro - brasileiras e indígenas

Espiritismo

Sem religião

Outros

6. 1 Qual? _____

6. Você participa de algum grupo pertencente a essa religião?

() sim

() Não

7. 1 Se SIM, informe qual grupo? _____

7. Qual período você cursa?

() 1º período

() 3ª período

() 5º período

() 7º período

8. Por que escolheu o curso de Serviço Social?

() Influência de parentes, amigos ou conhecidos.

() porque sou uma pessoa boa e gosto de ajudar

() porque quero entrar no mercado de trabalho

() Não sei dizer

9. Qual sua opinião sobre a homossexualidade?

() É uma doença

() É algo biológico

() Problema psicológico

() Uma condição humana

() É algo que deva ser eliminado

() Outra opinião

10.1 Qual? _____

10. O que acha da adoção por casais homossexuais?

() Não concordo

() Concordo

11. 1 Por quê? _____

11. E SE....

Você é um Assistente Social da área Judiciária e é chamado pra fazer um parecer social sobre a adoção de uma criança. E existe dois casais interessados na adoção, um Heterossexual e um casal Homossexual, ambos aptos para adoção e aparentemente igualitária a situação. O casal homossexual teria alguma desvantagem na adoção?

() Sim, porque não concordo de dois homens ou duas mulheres cuidando de uma criança, pode prejudicar sua criação.

() Não, se existe amor não tem importância como se configura esse casal

() Não sei dizer.

13. E SE...

Você consegue emprego em uma instituição que atende a população LGBT e é preciso empenhasse e incentivar o respeito a diversidade, tendo que participar de grupos e das discussões ali pertencentes a comunidade atendida. Isso te incomodaria? Por quê?

14. Você aprova o casamento homoafetivo?

() Sim

() Não

15. Você conhece o Código de Ética Profissional do Serviço Social?

() Conheço e já li.

() Não conheço.

() Conheço, mas nunca li.

**ANEXO 1 - RESOLUÇÃO CFESS Nº 489/2006
de 03 de junho de 2006**

Ementa: Estabelece normas vedando condutas discriminatórias ou preconceituosas, por orientação e expressão sexual por pessoas do mesmo sexo, no exercício profissional do assistente social, regulamentando princípio inscrito no Código de Ética Profissional.

O Conselho Federal de Serviço Social, no uso de suas atribuições legais e regimentais, que lhe são conferidas pela lei 8662/93;

Considerando a “Declaração Universal dos Direitos Humanos” que prevê que todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade humana, e a “Declaração de Durban” adotada em setembro de 2001 que reafirma o princípio da igualdade e da não discriminação;

Considerando a instituição, pelo CFESS, da Campanha Nacional pela Liberdade de Orientação e Expressão Sexual;

Considerando a aprovação da Campanha pelo XXXIV Encontro Nacional CFESS/CRESS;

Considerando que tal Campanha está em sintonia com os princípios e normas do Código de Ética Profissional do Assistente Social, regulamentado pela Resolução CFESS nº 273/93 de 13 de março de 1993;

Considerando a dimensão do projeto ético político do Serviço Social que sinaliza para a importância de disseminar uma cultura crítica dos direitos humanos, diferenciando-a da abordagem liberal – burguesa;

Considerando a materialização de diferentes modalidades de preconceito e discriminação que se expressam nas relações sociais e profissionais, e, conseqüentemente, na naturalização da invisibilidade das práticas afetivos - sexuais entre pessoas do mesmo sexo;

Considerando a necessidade de contribuir para a reflexão e o debate ético sobre o sentido da liberdade e a necessidade histórica que têm os indivíduos de decidir sobre a sua afetividade e sexualidade ;

Considerando ser premente a necessidade de regulamentar a vedação de práticas e condutas discriminatórias ou preconceituosas, que se refiram a livre orientação ou expressão sexual;

Considerando ser atribuição do CFESS, dentre outras orientar, disciplinar e normatizar o exercício profissional do assistente social em todo território Nacional, em conformidade com o inciso I do artigo 8º da Lei 8662/93;

Considerando ser dever do Conselho Federal de Serviço Social zelar pela observância dos princípios e diretrizes do Código de Ética Profissional do Serviço Social, baixando normas para melhor especificar as disposições do Código de Ética do Assistente Social;

Considerando a aprovação da presente Resolução pelo Conselho Pleno do CFESS , em reunião realizada em 03 de junho de 2006.

RESOLVE:

Art. 1º - O assistente social no exercício de sua atividade profissional deverá abster-se de práticas e condutas que caracterizem o policiamento de comportamentos, que sejam discriminatórias ou preconceituosas por questões, dentre outras, de orientação sexual;

Art 2º - O assistente social, deverá contribuir, inclusive, no âmbito de seu espaço de trabalho, para a reflexão ética sobre o sentido da liberdade e da necessidade do respeito dos indivíduos decidirem sobre a sua sexualidade e afetividade;

Art. 3º - O assistente social deverá contribuir para eliminar, no seu espaço de trabalho, práticas discriminatórias e preconceituosas, toda vez que presenciar um ato de tal natureza ou tiver conhecimento comprovado de violação do princípio inscrito na Constituição Federal, no seu Código de Ética, quanto a atos de discriminação por orientação sexual entre pessoas do mesmo sexo.

Art 4º - É vedado ao assistente social a utilização de instrumentos e técnicas para criar, manter ou reforçar preconceitos, estigmas ou estereótipos de discriminação em relação a livre orientação sexual

Art. 5º- É dever do assistente social denunciar ao Conselho Regional de Serviço Social, de sua área de ação, as pessoas jurídicas privadas ou públicas ou pessoas físicas, sejam assistentes sociais ou não, que sejam coniventes ou praticarem atos, ou que manifestarem qualquer conduta relativa a preconceito e discriminação por orientação sexual entre pessoas do mesmo sexo.

Art. 6º - Os Conselhos Regionais de Serviço Social, deverão receber as denúncias contra pessoas jurídicas ou contra indivíduos que não sejam assistentes sociais, relativas a atos e práticas de discriminação ou preconceito a orientação sexual de pessoas do mesmo sexo, determinando, imediatamente, os encaminhamentos cabíveis às autoridades competentes e oferecendo representação, quando cabível, ao Ministério Público.

Art. 7º - Os Conselhos Regionais de Serviço Social, deverão aplicar as penalidades previstas pelos artigos 23 e 24 do Código de Ética Profissional, ao assistente social, que descumprir as normas previstas na presente Resolução, desde que comprovada a prática de atos discriminatórios ou preconceituosos que atentem contra a livre orientação e expressão sexual, após o devido processo legal e apuração pelos meios competentes, garantindo-se o direito a defesa e ao contraditório.

Art. 8º - A presente Resolução entra em vigor na data de sua publicação no Diário Oficial da União, e complementando as disposições do Código de Ética Profissional do Assistente Social, regulamentado pela Resolução CFESS nº 273 de 13 de março de 1993.

Brasília, 03 junho de 2006

Elisabete Borgianni,
Presidente do CFESS

ANEXO 2 - RESOLUÇÃO CFESS Nº 615/2011

de 8 de setembro de 2011

EMENTA: Dispõe sobre a inclusão e uso do nome social da assistente social travesti e do(a) assistente social transexual nos documentos de identidade profissional.

O **Conselho Federal de Serviço Social** no uso de suas atribuições legais e regimentais, que lhe são conferidas pela lei 8662/1993;

Considerando o disposto no art. 5º, caput da Constituição da República Federativa do Brasil, que dispõe que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, onde assegura os direitos fundamentais à igualdade, à liberdade, ao respeito e à dignidade da pessoa humana;

Considerando que é objetivo do CFESS a construção de uma sociedade radicalmente justa e democrática sem preconceitos de origem, raça, etnia, sexo, orientação sexual, identidade de gênero, cor, idade ou quaisquer outras formas de discriminação, em consonância com o Código de Ética do(a) Assistente Social;

Considerando que os direitos à livre orientação sexual e à livre identidade de gênero constituem direitos humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), e que a sua proteção requer ações efetivas das entidades do Serviço Social no sentido de assegurar o pleno exercício da cidadania da população LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais);

Considerando que toda pessoa tem direito ao tratamento correspondente a sua identidade de gênero;

Considerando que se define identidade de gênero como a “experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos” (Princípios de Yogyakarta, 2006).

Considerando que a presente Resolução traduz os pressupostos do Projeto Ético e Político do Serviço Social que contem a projeção de uma outra sociabilidade – **“aquela em que se propicie aos trabalhadores um pleno desenvolvimento para a invenção e vivência de novos valores, o que, evidentemente, supõe a erradicação de todos os processos de exploração, opressão e alienação.”** (CFESS, Código de Ética do(a) Assistente Social, 2011);

Considerando que a presente norma está em conformidade com os princípios do Direito Administrativo e em conformidade com o interesse público;

Considerando a aprovação da presente Resolução pelo Conselho Pleno do CFESS, em reunião realizada em 21 de agosto de 2011.

RESOLVE:

Art. 1º. Fica assegurado às pessoas travestis e transexuais, nos termos desta resolução, o direito à escolha de tratamento nominal a ser inserido na Cédula e na Carteira de Identidade Profissional, bem como nos atos e procedimentos promovidos no âmbito do CFESS e dos CRESS;

Parágrafo 1º. As Carteiras e Cédulas de Identidade profissional, a partir da nova expedição pelo CFESS, serão confeccionadas contendo um campo adequado para inserção do nome social do(a) assistente social, que assim requererem.

Parágrafo 2º. Até serem expedidos os novos documentos profissionais o nome social será inserido somente na Carteira de Identidade Profissional no campo “Nome”, sendo o nome civil grafado na linha seguinte.

Art. 2º. A pessoa interessada solicitará, por escrito e indicará, no momento da sua inscrição no Conselho Regional de Serviço Social - CRESS, o prenome que corresponda à forma pela qual se reconheça, é identificada, reconhecida e denominada por sua comunidade e em sua inserção social;

Parágrafo único – Os(As) Conselheiros(as), funcionários(as), assessores(as) dos CRESS e do CFESS deverão tratar a pessoa pelo prenome indicado, que constará dos atos escritos, de competência dos mesmos.

Art. 3º. Fica permitida a utilização do nome social nas assinaturas decorrentes do trabalho desenvolvido pelo(a) assistente social, juntamente com o número do registro profissional.

Parágrafo único – Para efeito de tratamento profissional do(a) assistente social, a exemplo de crachás, dentre outros, deverá ser utilizado somente o nome social e o número de registro.

Art. 4º. O CFESS e os CRESS deverão se incumbir de dar plena e total publicidade a resente norma, por todos os meios disponíveis, de forma que ela seja conhecida pelos/pelas assistentes sociais bem como pelas instituições, órgãos ou entidades que prestam serviços sociais;

Art. 5º. Os (As) profissionais que se encontrem na situação mencionada nesta Resolução, poderão solicitar a substituição de seus documentos profissionais a contar da data de sua publicação, para processarem as modificações e adequações que se fizerem necessárias;

Art. 6º. Os casos omissos serão resolvidos pelo Conselho Pleno do CFESS.

Art. 7º. Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

**Samya Rodrigues
Ramos
Presidente do
CFESS**

